GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TEC. E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL -PPGECII

SUZILENE URUPE CHUÊ

O TRANÇADO CHIQUITANO DE BROTO DE INDAIÁ E ACURI NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA JOSÉ TURÍBIO - ALDEIA VILA NOVA BARBECHO – MATO GROSSO

Barra do Bugres
2026

SUZILENE URUPE CHUÊ

O TRANÇADO CHIQUITANO DE BROTO DE INDAIÁ E ACURI NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA JOSÉ TURÍBIO - ALDEIA VILA NOVA BARBECHO – MATO GROSSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII - Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" – Unemat - Câmpus Universitário Dep. Est. Renê Barbour - Barra do Bugres, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestra em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.
Orientadora: Prof.ª Drª. Cláudia Landin Negreiros

Barra do Bugres
2026

SUZILENE URUPE CHUE

O TRANÇADO CHIQUITANO DE BROTO DE INDAIÁ E ACURI NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA JOSÉ TURÍBIO - ALDEIA VILA NOVA BARBECHO - MATO GROSSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. "Renê Barbour" – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em 18 de junho de 2026

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
CLAUDIA LANDIN NEGREIROS
Data: 18/06/2026 20:06:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Cláudia Landin Negreiros
Orientadora (UNEMAT/PPGECII)

gov.br Documento assinado digitalmente
LEANDRO FAUSTINO POLASTRINI
Data: 19/06/2026 17:10:33-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Leandro Faustino Polastrini
Coorientador (UNEMAT/PPGECII)

gov.br Documento assinado digitalmente
MONICA CIDELE DA CRUZ
Data: 22/06/2026 09:48:40-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz
Examinadora Interna (UNEMAT/PPGECII)

gov.br Documento assinado digitalmente
ADRIANA OLIVEIRA DE SALES
Data: 22/06/2026 10:05:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Adriana Oliveira de Sales
Examinadora Externa - Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

C559t Chue, Suzilene Urupe.
O TRANÇADO CHIQUITANO DE BROTO DE INDAIÁ E ACURI NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA JOSÉ TURÍBIO - ALDEIA VILA NOVA BARBECHO - MATO GROSSO / Suzilene Urupe Chue. - Barra do Bugres, 2026.
125f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: Cláudia Landin Negreiros.

1. Povo Chiquitano. 2. Educação Escolar Indígena. 3. Artesanato. 4. Indaiá e Acuri. 5. Ancestralidade. I. Negreiros, Cláudia Landin. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 373.3/.5.058-054.58

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao povo Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho, em especial, à minha família: esposo Luiz Ribeiro, pela sua presença constante em minha vida, ao meu filho Dyonnatan Chuê Muquissai, pelo orgulho e felicidade que me fez sentir quando dialogava comigo, dando forças para eu continuar a pesquisa.

As minhas irmãs Saturnina e Lídia, que muito me motivaram a me inscrever no mestrado em Contexto Indígena Intercultural, e me ajudaram quando precisei durante esta pesquisa. A minha mamãe Elena Laura Chuê, meus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas.

As minhas alunas, Alanis Valentina, Ana Alice, Geisielly, Laiz Cristiane e Mariana, e também os estudantes Adryan Silvanei e Andrey, que estiveram comigo demonstrando interesse em aprender a arte do trançado Chiquitano, me impulsionando e depositando confiança na minha pesquisa, nos momentos mais difíceis.

A todas e todos estudantes da Escola Estadual Indígena José Turíbio, que participaram das oficinas de trançado com desejo grande de aprender, e que tiveram suas expectativas do momento realizadas.

E, também, dedico este trabalho à Escola Estadual José Turíbio, que disponibilizou toda a estrutura para que eu conseguisse realizar esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, primeiramente, a *Tuparch*/Deus, por me proporcionar esta oportunidade de estudo, pela sabedoria a mim concedida, no meu dia a dia, e na construção deste trabalho.

Agradeço a minha família pela paciência e pela ajuda no decorrer deste trabalho, à aldeia Vila Nova Barbecho - povo Chiquitano, ao qual pertenço, que me incentivou a caminhar e a superar obstáculos enfrentados durante a minha jornada, sempre acreditando em meu potencial.

Gratidão às pessoas que me concederam entrevistas voluntariamente: anciã Feliciana Dilma Pinto Ribeiro, anciã Elena Laura Chuê e o professor Edmundo Nicolau Chuê Muquissai, que me receberam juntamente com meus estudantes em suas casas, com muito carinho e atenção, nos proporcionando os mais belos e melhores presentes: o conhecimento, o ensino, a aprendizagem e os valores culturais Chiquitano.

Manifesto toda a minha gratidão às lideranças e aos professores da Escola Estadual Indígena José Turíbio, gratidão pelo apoio da Diretora Saturnina Chuê, uma incentivadora no processo de aperfeiçoamentos e estudos na formação educativa.

Agradeço à Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" - Unemat, à Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC) e à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (SECITEC).

Agradeço a colaboração dos professores e professoras que de forma direta contribuíram para a construção desta dissertação: Adailton Alves da Silva, Carlos Ednei de Oliveira, João Severino Filho, Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Maria Helena Rodrigues Pães (Ninha), Mônica Cidele da Cruz, Lucimar Luiza Ferreira, Raimundo Nonato Cunha de França, Rejane Gambarra Centurion, Rosane Duarte Rosa Seluchinesk e Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira. Meus agradecimentos aos meus colegas mestrandos que ingressaram comigo no PPGECII.

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora doutora Cláudia Landin Negreiros, pelo trabalho desenvolvido na Unemat, por me orientar nesta dissertação de mestrado, por me auxiliar durante este tempo que estive em qualificação, além de trazer informações relevantes à realização desta pesquisa.

Agradeço à Banca Examinadora, Prof.ª Drª Mônica Cidele da Cruz, Prof.ª Drª. Adriana Oliveira de Sales e Prof. Dr. Leandro Faustino Polastrini, pelas considerações e contribuições.

Agradeço a todas as lideranças do povo Chiquitano pelo apoio, para que eu chegasse a este nível, e pela confiança que tiveram em mim, para que eu pudesse trabalhar como educadora. Agradeço aos anciãos que contribuem com os ensinamentos dos nossos estudantes desde as etapas iniciais até a sua conclusão no ensino médio.

Agradeço de coração aos meus estudantes que participaram desta pesquisa, Alanis Valentina Rodrigues Urupe, Ana Alice Muquissai da Luz, Adryan Silvanei Urupe Pinto, Laiz Cristiane Ribeiro Lopes, Andrey Muquissai da Luz, Geisielly Urup Chué, Mariana Rodrigues Urupe, são meus orgulhos e motivo pelo qual continuo firme no campo educativo.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil – Código de Financiamento 001.

A todos, o meu *SUNMANA TCHAPIÉ*!

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na aldeia Vila Nova Barbecho, na Terra Indígena Chiquitano, localizada no município de Porto Esperidião - estado de Mato Grosso, divisa Brasil/Bolívia, de 2025 a 2026. O trabalho contribui para o desenvolvimento de práticas do saber tradicional, por meio da confecção dos trançados Chiquitano com o broto de indaiá e acuri, na Escola Estadual Indígena José Turíbio. Teve como objetivo principal desenvolver as práticas do trançado, como atividades pedagógicas a partir de uma pedagogia Chiquitano, para retomar os saberes do trançado na escola Chiquitano na Aldeia Vila Nova Barbecho, e objetivos específicos: 1) destacar a importância cultural, histórica e educativa dos trançados Chiquitano para as novas gerações, desenvolvendo estratégias pedagógicas que contribuam para o ensino e aprendizagem dos trançados tradicionais no contexto escolar Chiquitano; 2) demonstrar o ensino e o aprendizado dos estudantes na prática do trançado; 3) produzir um caderno cultural de atividades de apoio e um catálogo contendo os artesanatos confeccionados com o broto das palmeiras indaiá e acuri. Adotou-se como metodologia a abordagem qualitativa etnográfica, utilizando a observação participante. Foram realizadas entrevistas com perguntas semiestruturadas, gravadas e, posteriormente, transcritas; oficinas com os estudantes para confecção de artesanatos, desenhos sobre as palmeiras acuri e indaiá, e registros fotográficos. Participaram das entrevistas duas anciãs e um professor, todos eles dominantes da prática do trançado. Para embasamento teórico, foram realizadas buscas na internet, revisões bibliográficas referentes ao tema em livros, PPP da escola, teses, dissertações, trabalhos de conclusões de curso, artigos científicos, produções indígenas, etc. Realizou-se, também, buscas sobre o povo Chiquitano, sobre o trançado com broto de indaiá e acuri, e foram encontradas publicações de pesquisadores indígenas Chiquitano e também pesquisadores não indígenas, no total de 16 publicações, sendo que duas dessas publicações tem relação direta ao tema em específico. Espera-se, com esta pesquisa, responder a seguinte questão: Como o trançado tradicional Chiquitano com broto de indaiá e acuri pode contribuir para o processo educacional na Escola Estadual Indígena José Turíbio? Além disso, proporcionar discussões referentes aos temas da transculturalidade e da docência, no ensino específico e diferenciado, através da produção do material pedagógico que possa ser consultado e usado na escola e no meio acadêmico, foi produzido um caderno cultural de atividades de apoio e um catalogo contendo imagens dos trançados os quais trabalhados nesta pesquisa.

Palavras-chave: Povo Chiquitano; Educação Escolar Indígena; Artesanato; Indaiá e Acuri; Ancestralidade.

ABSTRACT

This research was conducted in the Vila Nova Barbecho Indigenous Village, located within the Chiquitano Indigenous Territory, in the municipality of Porto Esperidião, Mato Grosso State, on the Brazil–Bolivia border, between 2025 and 2026. The study aimed to contribute to the development of traditional knowledge practices through the production of Chiquitano weaving using young shoots of the indaiá and acuri palms at José Turíbio Indigenous State School. The main objective was to develop weaving practices as pedagogical activities grounded in Chiquitano pedagogy, with the purpose of reclaiming and strengthening traditional weaving knowledge within the Chiquitano school of Vila Nova Barbecho Village. The specific objectives were: (1) to highlight the cultural, historical, and educational significance of Chiquitano weaving for younger generations by developing pedagogical strategies that support the teaching and learning of traditional weaving in the Chiquitano school context; (2) to demonstrate students' teaching and learning processes through weaving practices; and (3) to produce a cultural activity workbook and a catalog featuring handicrafts made from young indaiá and acuri palm shoots. The study adopted a qualitative ethnographic approach, using participant observation as its primary methodological strategy. Data collection included semi-structured interviews, which were audio-recorded and later transcribed, workshops with students involving the production of handicrafts and drawings of the indaiá and acuri palms, and photographic documentation. Two Elder women and one teacher, all recognized for their expertise in traditional weaving, participated in the interviews. The theoretical framework was supported by online searches and a literature review of books, the school's Political-Pedagogical Project (PPP), theses, dissertations, undergraduate final papers, scientific articles, Indigenous publications, and other relevant sources. Additional searches focused on the Chiquitano people and the traditional weaving practices using indaiá and acuri palm shoots. A total of sixteen publications were identified, authored by both Indigenous Chiquitano and non-Indigenous researchers, of which two addressed the specific topic of this study directly. This research sought to answer the following question: How can traditional Chiquitano weaving with young indaiá and acuri palm shoots contribute to the educational process at José Turíbio Indigenous State School? Furthermore, the study aims to promote discussions on transculturality and teaching within the context of specific and differentiated Indigenous education through the development of pedagogical materials that can be consulted and used both in the school setting and in academic environments. As educational products, a cultural activity workbook and a catalog containing images of the woven handicrafts produced and studied throughout this research were developed.

Keywords: Chiquitano People; Indigenous School Education; Handicrafts; Indaiá and Acuri Palms; Ancestrality.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 01	Minha colação de grau	18
Figura 02	Minha mãe Elena Laura Chuê e Eu	19
Figura 03	Delimitação da aldeia Vila Nova Barbecho e localização da E. E. Indígena José Turibio	35
Figura 04	Palmeira indaiá	39
Figura 05	Broto de indaiá	39
Figura 06	Flor de indaiá	40
Figura 07	Fruto de indaiá	40
Figura 08	Habitat natural do indaiá, porém devastado pelo gado	41
Figura 09	O belo está em ter indaiás verdes fortes	42
Figura 10	Pé de acuri	42
Figura 11	Pés de acuri formando o Acorizal	43
Figura 12	Flor do acuri	43
Figura 13	Cacho	43
Figura 14	Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio	55
Figura 15	Visão da parte lateral direita da escola	55
Figura 16	Anciã Feliciana Dilma falando sobre as palmeiras	59
Figura 17	A anciã Elena dando entrevista sobre as palmeiras	60
Figura 18	Professor Edmundo dialogando sobre as palmeiras no salão comunitário da aldeia	61
Figura 19	Estudantes desenham pés de indaiá e acuri	63
Figura 20	Desenhos dos estudantes representando partes que compõem as palmeiras	64
Figura 21	A anciã Elena ensinando os estudantes a fazerem trançado com broto de indaiá	66
Figura 22	A anciã Feliciana Dilma na oficina do trançado	66
Figura 23	O professor Edmundo ensinando a técnica do trançado abanador	67
Figura 24	Estudantes com seus trançados	68
Figura 25	A estudante fazendo o trançado	68
Figura 27	A estudante realizando o trançado abanador	69
Figura 27	Trançando - abanador	70
Figura 28	Trançando uma flor	70
Figura 29	Trançados confeccionados	71
Figura 30	Resultado da oficina estudantes e professores e a anciã Feliciana Dilma	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Estudos publicados sobre o povo Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho	49
Quadro 02	Estudos publicados sobre os trançados Chiquitano com folha de indaiá e acuri	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIMI: Conselho Indigenista Missionário

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DGEI: Diretoria de Gestão de Educação Indígena

FUNAI: Fundação Nacional dos Povos Indígenas

FAINDI: Faculdade Indígena Intercultural

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IFCH/UFRGS: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PPGCII: Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Contexto Indígena Intercultural

PPP: Projeto Político Pedagógico

SEDUC: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso

SECITEC: Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

UNEMAT: Universidade do Estado de Mato Grosso

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA 16
1 INTRODUÇÃO 21
2 REFERENCIAL TEÓRICO 25
2.2 A especificidade da educação Chiquitano e os saberes tradicionais no espaço escolar 28
2.3 Cultura, identidade e território do povo Chiquitano 31
2.4 Etnoconhecimento e práticas pedagógicas do povo Chiquitano 32
3 O POVO CHIQUITANO E O SABER DO TRANÇADO COM O BROTO DO INDAIÁ E ACURI 34
3.1 Breve histórico do povo Chiquitano 34
3.2 O significado cultural do trançado Chiquitano 37
3.3 O trançado com brotos de indaiá e acuri 37
3.4 O trançado como prática educativa tradicional 45
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS 46
4.1 Local da pesquisa: Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio - Aldeia Vila Nova Barbecho 54
4.2 Prática pedagógica Chiquitano sobre as palmeiras indaiá e acuri no contexto escolar 58
4.3 Aula de campo: conhecendo as plantas palmeiras/coqueiros indaiá e acuri 62
4.4 O ensino e a aprendizagem na prática: a oficina de trançado 65
4.5 Dia de oficina dos trançados com os brotos 65
5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA SOB MEU OLHAR 73
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 86
REFERÊNCIAS 88

APRESENTAÇÃO E TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA

Sou Suzilene Urupe Chuê, pertenço ao povo Chiquitano, da aldeia Vila Nova Barbecho, local onde realizei esta pesquisa. Iniciei meus estudos de alfabetização aos 11 anos de idade, na Escola Municipal Nova Barra da Serra, que ficava localizada na sede da Fazenda São Pedro, a quatro quilômetros de distância da Comunidade Barbecho, onde eu morava, município de Porto Esperidião - MT, divisa Brasil e Bolívia.

No ano de 1996, pela reivindicação dos pais, a escola passou a funcionar na própria comunidade, que se chamava Barbecho. Ali eu concluí a 4ª série do ensino fundamental. No final de 1997, eu e minha família nos mudamos para este lugar, a aldeia Vila Nova Barbecho, onde continuei os estudos, cursando a 5ª série na Escola Municipal Dona Lila Hill de Souza, que ficava localizada a seis quilômetros de distância da aldeia, em um lugar chamado Buriti. Já no ano de 2000, a escola Dona Lila Hill de Souza passou a funcionar em uma pequena vila, chamada de Vila Picada[1]. Ali eu cursei a 5ª e a 6ª série do Ensino Fundamental. Após esse período, eu me casei, e cinco anos depois, tive meu primeiro filho.

Quando meu filho completou cinco anos de idade, eu quis estudar novamente. E, no ano de 2010, dez anos depois de ficar fora da escola, eu voltei a estudar na mesma escola, cursando a 7ª e a 8ª série; sem concluir o 9º ano, eu parei de estudar outra vez.

No ano de 2012 retornei aos estudos, já na escola da aldeia, onde tive a oportunidade de continuar estudando, e por não ter concluído o ano, repeti a 8ª série na escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio. Após concluir a 8ª série, retornei para a escola Dona Lila Hill de Souza, pois a escola da aldeia ainda não ofertava o ensino médio; ali fiz o 1º e o 2º ano do Ensino Médio. Em 2015, voltei para a escola da aldeia, onde tive a oportunidade de concluir o 3º ano do ensino médio, e também tive o privilégio de estudar com professores Chiquitano da minha própria aldeia, assim como fazer parte da primeira turma que teve a oportunidade de concluir o Ensino Médio e fazer a formatura aqui mesmo na aldeia.

[1] Vila Picada, nome que deu origem a esse lugar, pois o dono dessa terra se chama Ailton Picada, aos poucos ele foi vendendo lotes de sua terra, tornando assim uma pequena vila. Tornou-se um lugar de referência na região de fronteira.

Ainda estava concluindo o 3º ano do Ensino Médio, no ano de 2015, quando tive conhecimento do vestibular da Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI – Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, por meio da diretora da escola, a professora Saturnina Urupe Chuê, a qual me motivou, incentivou e me apoiou para realizar o vestibular. Nessa oportunidade, realizei minha inscrição. Fui para Barra do Bugres, juntamente com mais três jovens daqui da minha aldeia, para fazer a prova na Unemat, e eu tive a honra de ser aprovada.

Eu já trabalhava na escola da aldeia como apoio-nutrição, porém, pela quantidade de estudantes, que não eram muitos, não podia ser contratada como apoio da limpeza. Dessa forma, eu tinha que fazer os dois serviços, ou seja: merenda para os estudantes e a limpeza do prédio da escola, que é uma casa multiuso, construída em parceria com os missionários do Conselho Indigenista Missionário - CIMI e as pessoas da aldeia.

Nessa escola, funcionavam as aulas, outros movimentos e reuniões da comunidade/aldeia. Nesse mesmo ano, 2015, conclui o Ensino Médio e, no ano seguinte, porque fui aprovada no curso, deixei minha profissão de merendeira, e com apoio dos pais e pessoas da comunidade, comecei a trabalhar como professora na escola. Mas pela pouca quantidade de estudantes, não era possível criar turmas separadas, então eu tive que ministrar aulas para turmas multisseriadas, do 1º ao 5º ano. Era muito desafiador, porque eu nem tinha experiência para ministrar aulas, e também porque meu sonho não era ser professora, mas aí, aos poucos, fui pegando o jeito para trabalhar com crianças.

No dia 30 de novembro de 2016, iniciei minha vida acadêmica ingressando na universidade, no curso de Pedagogia Intercultural da Faculdade Indígena Intercultural-FAINDI – Unemat, na cidade de Barra do Bugres.

Durante esse percurso de vida acadêmica, indo estudar nas etapas presenciais em Barra do Bugres e nas etapas intermediárias em outras aldeias de outros parentes indígenas, sofri muita tristeza e tinha vontade desistir do curso. Isso porque eu nunca tinha saído sozinha da aldeia sem a minha família, e também porque sentia saudade do meu filho. Então, ficar 30 dias longe casa, da minha família, era muito doloroso e sofrido para mim.

Mas fui gostando de estudar, fazendo amizades, e a cada etapa que eu ia, eu adquiria mais conhecimentos para trabalhar com meus estudantes e ajudar a minha

comunidade. Isso me deixava mais animada e as aulas de algumas professoras me motivavam sempre a continuar e aprender cada vez mais, para poder voltar e poder ajudar melhor o meu povo e a minha comunidade, pois foi esse o objetivo proposto pela comunidade na carta que foi assinada quando iniciei o curso da graduação. Por isso eu não podia desanimar.

Mesmo diante de muitos desafios, como a falta de repasses da parceria da SEDUC, a COVID 19, que fez com que as aulas presencias passassem a ocorrer em ensino remoto, eu mantive o foco e tive a graça, a benção e a felicidade de concluir a graduação, e ser mais uma Chiquitano pedagoga, concluindo o curso de Pedagogia Intercultural, no dia 23 de setembro do ano de 2022. Seguem duas imagens desse momento tão importante para mim, nas quais destaco a pessoa da minha mãe, que sempre foi uma incentivadora nos estudos de todos os seus filhos.

Figuras 01 - Minha colação de grau



Fonte: Arquivo familiar, 23/09/2022.

Destaco esta presença materna fundamental na minha formação humana e acadêmica minha mãe mulher forte e guerreira.

Figura 02 – Minha mãe Elena Laura Chue e Eu



Fonte: Arquivo familiar, 23/09/2022.

Após concluir o curso na FAINDI, fiz uma pausa nos meus estudos presenciais, mas finalizei duas pós-graduações a distância *Lato Sensu*, uma na área de Ludopedagogia e outra em Educação Infantil e anos iniciais, ambos pela Faculdade UNIASSELVI. Depois de um ano sem estudo presencial, o meu sonho era continuar e poder aumentar meus conhecimentos, contribuir cada vez mais para o meu povo, para minha comunidade, pois ao longo desse processo aprendi que o conhecimento é a porta para lutar pelos nossos direitos como originários desta região, e não permitir que outros venham se aproveitar da nossa humildade, assim como fizeram com nossos antepassados ao longo da nossa história. Por isso, em 2024, fiz a seleção para o mestrado profissional, no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII e fui aprovada. De início, o tema da minha pesquisa para concorrer ao mestrado foi sobre os saberes tradicionais Chiquitano no processo educacional na Escola José Turíbio. E como toda pesquisa para ser realizada precisa de objetivos, pensei em realizar este estudo

imaginando que, mesmo sendo uma atividade de ensino dentro da escola, possuía um objetivo forte e político para o meu povo, e este foi o título escolhido: O trançado Chiquitano de broto de indaiá e acuri na escola estadual indígena José Turíbio - Aldeia Vila Nova Barbecho.

Depois que iniciei os estudos, e dialogando com minha orientadora sobre a minha pesquisa, ela foi sugerindo como eu poderia fazer, então mudei um pouco, ou eu fui acrescentando mais, e o tema da minha pesquisa ficou assim delimitado: Saber tradicional – trançado Chiquitano de broto de indaiá e acuri no processo educacional na Escola Estadual Indígena José Turíbio, da Aldeia Vila Nova Barbecho – Mato Grosso. Este tema é muito importante para mim, porque desde pequena acompanhei minha mãe com os trabalhos culturais, os trançados, que é próprio da cultura Chiquitano.

Meu povo sofreu o apagamento histórico da língua, a perda de território e o impacto nas práticas culturais. Faço parte de uma geração que aprendeu a trabalhar com os trançados, mas tenho observado que muitas famílias já não o praticam mais, é preciso fortalecer novamente esses saberes e valores, assim como mencionado por professores indígenas, no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI:

> [...] a escola não é o único lugar de aprendizagem, principalmente quando se trata de educação indígena, em que cada criança vai aprendendo sua cultura desde que é concebido no ventre materno e quando nasce, vai fortalecendo sempre mais. Mas aqui, para nós, na nossa aldeia, a escola é muito importante na retomada e fortalecimento da cultura, e por isso está pesquisa é fundamental para o resgate e realização das práticas culturais, pois em parceria com a escola, vamos mantendo técnicas e tecnologias próprias Chiquitano, sempre respeitando os anseios e normas da comunidade, conforme nos orienta o RCNEI (Brasil, 1998, p. 22)

Os momentos e atividades de ensino e de aprendizagem combinam espaços e momentos formais e informais, com concepções próprias sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem. A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros; são valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas. Essas formas de educação tradicional podem e devem contribuir para a formação de uma política e prática educacionais adequadas, capazes de atender aos anseios, interesses e necessidades diárias da realidade atual. Tais conhecimentos não são incompatíveis com os conhecimentos da escola contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para esta pesquisa enfoca o saber tradicional relacionado ao trançado Chiquitano utilizando brotos de indaiá (*Família Arecaceae*)[2] e acuri (*Attalea phalerata*)[3] no processo educacional. A pesquisa busca valorizar e fortalecer os conhecimentos tradicionais do meu povo Chiquitano, destacando a importância dessas práticas culturais no ambiente escolar como forma de preservação da identidade, transmissão de saberes entre as gerações e fortalecimento da cultura indígena dentro do contexto educacional.

Foi desenvolvido por mim, como pesquisadora Chiquitano, por compreender a importância do trançado com o broto de indaiá e acuri, além de sua contribuição no ambiente escolar José Turibio, no aprendizado dos nossos estudantes, trazendo pessoas voluntárias para contribuir de forma oral e pratico sobre como o trançado vem fazendo parte da nossa vida e história como Chiquitano ao longo dos anos. Diante dessa realidade educativa, surgiu um questionamento: ***como o trançado tradicional Chiquitano com broto de indaiá e acuri pode contribuir para o processo educacional na Escola Estadual Indígena José Turibio?*** Este questionamento foi respondido no decorrer deste trabalho.

Esta pesquisa se justifica pela relevância cultural para o meu povo Chiquitano no ambiente pedagógico escolar, assim como a relevância educacional, que vai muito além da sala de aula. Outro ponto significativo é a contribuição para as políticas de educação escolar indígena, e valorização do conhecimento tradicional. É importante registrar a memória do nosso povo, motivo pela qual muitos de nossos antepassados abandonaram aquilo que era próprio da nossa cultura, devido à imposição dos não indígenas, os

[2] Indaiá (*Família Arecaceae*) da língua indígena que quer dizer "Fruto de partir ou Rachar". Coquinho do cerrado, Catolé ou Indaiá do Campo. Origem: nativo dos campos e cerrados de todo o Brasil. Características: é uma palmeira de caule subterrâneo que raramente emerge a 1 metro do solo, formando touceira ou copa de até 2,5 m de diâmetro. As folhas são basais, recurvadas e brilhantes. [...] As flores femininas estão distribuídas em duas fileiras ao longo dos ramos, medindo aproximadamente 2 cm de diâmetro quando abertas. A flor masculina mede 1 cm de comprimento. Disponível em: https://www.colecionandofrutas.com.br/attaleagearen.htm. Acesso em: 04 fev. 2026.

[3] O Acuri (*Attalea phalerata*) é uma palmeira da família *Arecaceae* também conhecido como Bacuri, Auacuri, Cabeçudo, Coqueiro-acuri, Guacuri e Ganguri. Características: alcança 10 metros de altura. Suas raques podem chegar a 4,5m de comprimento. Várias espécies de epífitas crescem em seu caule. Época de frutificação e florada: floresce no verão e outono. Cultivo: deve ser cultivado pleno Sol, meia-sombra em clima tropical de altitude, tropical, tropical úmido e equatorial. Propagação por sementes. Disponível em: https://www.wikiaves.com.br/wiki/flora:acuri. Acesso em: 04 fev. 2026.

invasores dos territórios indígenas, que chegaram e obrigaram os indígenas não falarem suas línguas, não realizarem seus artesanatos, artefatos e não praticarem seus costumes. Esta agressão deve ser superada pela retomada das práticas, desde as mais simples às mais complexas, mesmo com pouco acesso aos recursos e matérias-primas presentes no espaço da comunidade. Com relação ao tipo de pesquisa, optou-se pela pesquisa qualitativa, cuja abordagem metodológica leva em consideração as ciências humanas e sociais como podemos ver que Ferreira e Cruz (2020) nos ajudam a compreender está metodologia:

> Na pesquisa qualitativa, o pesquisador observa, seleciona, interpreta e registra as informações. Dessa forma, os resultados deste tipo de pesquisa são expressos na forma de transcrição de entrevistas, narrativas, apresentações de fotografias, desenhos, etc. Esses instrumentos são utilizados com a finalidade de aproximar e de conhecer o objeto e/ou o assunto, a temática, o fenômeno da pesquisa. O objetivo é compreender os significados do que está sendo estudado/pesquisado. (Ferreira e Cruz, 2020, p. 17).

Considerou-se ainda a pesquisa etnográfica ou participante, a qual consiste na imersão do pesquisador no cotidiano do grupo estudado. Como podemos ver a seguir:

> A etnografia sempre foi utilizada pela antropologia, mas ultimamente tem sido bastante utilizada na pesquisa em educação. A etnografia diz respeito à descrição densa de um povo, ou seja, de uma descrição bastante detalhada, de um jeito que, ao ler o que foi escrito, é possível que qualquer pessoa consiga entender a organização, a cultura, as tradições e as formas de fazer a educação escolarizada daquele povo. O método etnográfico é possível com muito envolvimento e tempo para a realização da pesquisa (Ferreira e Cruz, 2020, p. 18).

Já na pesquisa participante conforme as mesmas autoras anteriores me ajudam compreender que:

> Na pesquisa participante, você participa de todas as ações e etapas da pesquisa, está envolvido/a com o *lócus* da investigação, e/ou faz parte do grupo investigado. Há um envolvimento encarnado politicamente e, muitas vezes, se pretende intervir no sentido cultural-econômico-social dentro da realidade pesquisada (Ferreira e Cruz, 2020, p. 20).

Foram realizados registros das experiências em diário de campo, e para o embasamento teórico, foram realizadas buscas na internet, revisões bibliográficas referentes ao tema em livros, PPP da escola, teses, dissertações, trabalhos de conclusões de curso, artigos científicos, produções indígenas, etc. Realizaram-se, ainda, buscas nas plataformas *on-line* de periódicos científicos, e plataformas de divulgação dos trabalhos indígenas; entrevistas semiestruturadas, gravadas e posteriormente transcritas, com lideranças, anciãs e docentes, além de oficinas com os estudantes e professores para confecção de artesanatos com brotos das palmeiras acuri e indaiá. Este trabalho tem,

então, como objetivo principal é desenvolver as práticas do trançado, como atividades pedagógicas a partir de uma pedagogia Chiquitano, para retomar os saberes do trançado na escola Chiquitano na Aldeia Vila Nova Barbecho.

Os saberes tradicionais dialogam com os saberes ocidentais, de maneira que se completam, pois não podemos abandonar o que é nosso e ao mesmo tempo não podemos estar desvinculados do saber ocidental. Foram destacados ainda os objetivos específicos, a saber: 1) destacar a importância cultural, histórica e educativa dos trançados Chiquitano para as novas gerações, desenvolvendo estratégias pedagógicas que contribuam para o ensino e a aprendizagem dos trançados tradicionais no contexto escolar Chiquitano; 2) demonstrar o ensinamento e o aprendizado dos estudantes na prática do trançado; 3) produzir um caderno cultural de atividades de apoio e um catálogo contendo os artesanatos produzidos com o broto das palmeiras indaiá e acuri. E conforme Freire (1986), o material de apoio é favorável ao aprendizado do estudante, pois possibilita construção do conhecimento, diferentemente da cartilha, na qual tudo já está pronto para o estudante:

> [...] Eu sou intimamente a favor da existência de material de apoio, útil ao crescimento do educando. [...] Há diversas diferenças entre os cadernos de cultura e a cartilha tradicional. […] Nos cadernos há espaços para que os educandos formem suas próprias palavras (Freire, 1986, p.50).

Mesmo diante de alguns avanços na educação escolar Chiquitano, na aldeia Vila Nova Barbecho, é possível identificar ainda o distanciamento entre currículo escolar e saber tradicional, uma vez que existem direcionamentos e diretrizes que regem a educação, sendo elas não indígenas. O incentivo às práticas culturais é importante devido ao risco de perda dos conhecimentos ancestrais, pois se não forem passados de geração em geração, podem se perder ao longo dos anos. Sendo assim, o empenho por parte da escola, em parceria com anciãos da aldeia, busca fortalecer cada vez mais essas práticas tão importantes. Assim como a trançado a língua também é muito importante para nós, por isso faço questão de trazer presente neste trabalho situação sociolinguística, que por muito tempo fomos obrigados a deixar de falar, mas a escola vem fazendo um papel importante de trazer para a escola e nossos alunos os nossos anciões conhecedores e falantes da língua para ensinar desde os anos iniciais ao ensino médio não podemos perder oque que é nosso.

> O trabalho com a língua materna Chiquitano aparece no Projeto Político Pedagógico-PPP da escola com maior atenção, que deve ser inserido, não

> apenas no componente curricular de Língua Materna e na área dos saberes indígenas, mas como uma das principais temáticas a ser abordada no contexto escolar, pois se trata de uma necessidade urgente a retomada e fortalecimento da língua originária Chiquitano. Dessa forma, se faz necessário que ações para este fortalecimento sejam desenvolvidas, cotidianamente, a fim de romper com o distanciamento entre o que desejamos alcançar, e aproximar da comunidade e anciãos(ãs) esse trabalho coletivo. Nesse sentido, um dos objetivos de nossa escola é fortalecer as práticas e valores culturais, morais, éticos, étnicos e a língua materna (Chuê e Negreiros, 2024, p. 7).

A imposição colonizadora trouxe graves consequências para as culturas indígenas e não foi diferente com os Chiquitanos, mas nem por isso continuaremos de cabeça baixa, estamos dispostos a lutar por aquilo que é nosso por direito.

> Muitos Chiquitano foram mortos por resistirem à prática da cultura, e os que sobreviveram, para continuarem vivos, foram obrigados a aprender e a falar o português, língua da cultura dos colonizadores. Por isso, como era obrigado a falar somente o português, o meu povo deixou de lado a língua originária e passou a falar fluentemente só o português. Atualmente, temos apenas três anciãos falantes, porém, falam apenas quando nós professores pesquisamos para trabalhar na escola com os alunos. Eles não conversam com outras pessoas na língua materna, situação que ocorre, também, com outros povos indígenas, devido às diferentes realidades sociolinguísticas. (Chuê e Negreiros, 2024, p. 7).

Destaco ainda que o saber tradicional fortalece a identidade cultural, assim como contribui para a valorização dos ensinamentos ancestrais, a partir da nossa realidade com aquilo que a natureza nos oferece, pois ela é parte da nossa realidade, nos oferece o que precisamos, por isso deve ser valorizada. A prática do trançado é instrumento pedagógico transdisciplinar, por meio dela é possível trabalhar praticamente todas as disciplinas por uma só atividade, a criança aprende de modo integrado, criativo e interativo.

A escola possui um papel importante na vida da comunidade, é um espaço de valorização cultural, troca de conhecimentos, divulgação cultural em uma esfera mais ampla, em nível municipal e estatual, através da escola cada estudante cresce sabendo de suas responsabilidades culturais e sociais. Na sequência, a organização do texto dissertativo, que está assim estruturado: Antecede a introdução, a minha apresentação como pesquisadora e minha trajetória de vida e caminhada escolar. A seguir, estão: 1. Introdução; 2. Referencial Teórico; 3. O povo Chiquitano e o saber do trançado com o broto do indaiá e acuri; 4. Caminhos Metodológicos; 5 Análise e discussão dos resultados; Considerações Finais; Referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na fundamentação teórica são apresentados pontos importantes em relação à Educação Escolar Indígena, à especificidade da educação indígena Chiquitano e os saberes tradicionais no espaço escolar, cultura, identidade, território, etnoconhecimento e práticas pedagógicas.

2.1 A Educação Escolar Indígena

A Educação Escolar Indígena parte de muitas reivindicações e lutas por uma educação que responda as necessidades dos povos indígenas. Esse processo de luta não é recente, atualmente pode se dizer que alguns avanços significativos já foram conquistados ao longo dos anos, porém é importante ressaltar que há muito ainda que se conquistar. Como afirma Grupioni (2024, s/p):

> Avanços e consensos na área de educação escolar indígena se deram tanto no plano legal quanto no plano administrativo. Todavia, ainda não se estruturou um sistema que atenda às necessidades educacionais dos povos indígenas de acordo com seus interesses, respeitando seus modos e ritmos de vida, resguardando o papel da comunidade indígena na definição e no funcionamento do tipo de escola que desejam. A impressão que se tem é que a educação escolar indígena caminha a passos lentos: avança-se em direção a algumas conquistas, mas inúmeros obstáculos se apresentam a cada momento.

Após muitas reivindicações, por parte de indígenas, a educação passou a se tornar pauta política, não se discute atualmente, não mais se discute se os indígenas têm ou não que ter escola, mas sim que tipo de escola se quer, isso é, então, um marco importante. Assim é que segundo Grupioni (2024, s/p):

> a educação escolar indígena virou uma pauta política relevante dos indígenas, do movimento indígena e de apoio aos indígenas. Deixou de ser uma temática secundária, ganhou importância à medida em que mobiliza diferentes atores, instituições e recursos. Encontros, reuniões e seminários têm se tornado recorrentes para a discussão da legislação educacional, de propostas curriculares para a escola indígena, de formação de professores indígenas, do direito de terem uma educação que atenda a suas necessidades e seus projetos de futuro. Hoje não mais se discute se os indígenas têm ou não que ter escola, mas sim que tipo de escola.

Apesar dos avanços já conquistados, é possível notar que o processo caminha de forma lenta no que se refere aos direitos constitucionais de uma educação diferenciada para os povos indígenas, pois de acordo com Grupioni (2024, s/p):

> se nos ativermos à legislação, verificaremos um processo lento, mas que segue de forma gradativa e cumulativa, onde o direito à uma educação diferenciada,

> garantido na Constituição de 1988, vem sendo regulamentado por meio da legislação subsequente. Além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, e da Resolução 3/99 do Conselho Nacional de Educação, a educação indígena está contemplada no Plano Nacional de Educação, aprovado em 2001, e no projeto de lei de revisão do Estatuto do Índio, em tramitação no Congresso Nacional.

A legislação apresenta abertura para a construção de escolas indígenas com suas particularidades, porém, na prática, muitos educadores, diretores e comunidade indígenas se deparam com reações contrárias ao que é preconizado. Sendo assim, podemos dizer que existem barreiras que dificultam com que a educação seja de fato pensada pelos próprios indígenas. Muitas escolas são obrigadas a seguir aquilo que já está em pauta nas escolas convencionais não indígenas, pois como diz Grupioni (2024, s/p):

> a legislação que trata da educação escolar indígena tem apresentado formulações que dão abertura para a construção de uma escola indígena que, inserida no sistema educacional nacional, mantenha atributos particulares como o uso da língua indígena, a sistematização de conhecimentos e saberes tradicionais, o uso de materiais adequados preparados pelos próprios professores indígenas, um calendário que se adapte ao ritmo de vida e das atividades cotidianas e rituais, a elaboração de currículos diferenciados, a participação efetiva da comunidade na definição dos objetivos e rumos da escola. A legislação também tem colocado os povos indígenas e suas comunidades como os principais protagonistas da escola indígena, resguardando a elas o direito de terem seus próprios membros indicados para a função de se tornarem professores a partir de programas específicos de formação e titulação. Todavia, essas definições no plano jurídico ainda se encontram mais como princípios do que como práticas que norteiam os processos de efetivação da escola no meio indígena. Várias são as amarras administrativas que retardam o processo, embora aqui se possa já vislumbrar um cenário diferente de alguns anos atrás.

Muitas orientações administrativas e burocráticas limitam o protagonismo educacional dentro dos territórios indígenas. Parto, aqui, do conhecimento e como membro de um espaço escolar indígena Chiquitano, onde vivenciamos diariamente estes dilemas com questões administrativas e burocráticas.

A educação escolar indígena representa, então, uma conquista histórica e um campo estratégico para a valorização da cultura, línguas e epistemologias originárias. Essa modalidade de educação busca responder às especificidades socioculturais dos povos indígenas, assegurando práticas pedagógicas que dialoguem com suas realidades e saberes tradicionais e ancestrais.

Ela se caracteriza por ser diferenciada, intercultural e bilíngue. Isso significa que ela não deve simplesmente reproduzir o modelo escolar hegemônico, ao contrário, deve

ser adaptada às práticas culturais, línguas e modos de vida dos povos indígenas dentro de cada realidade de cada povo.

A Escola Estadual Indígena Chiquitano Jose Turibio vem lutando para que, de fato, seus estudantes tenham uma educação específica e diferenciada, que tenha consideração às especificidades culturais, sociais e linguísticas dos estudantes indígenas. Valoriza os conhecimentos tradicionais, as práticas coletivas e a relação com o meio ambiente, buscando superar modelos homogêneos de ensino que ignoram a diversidade étnica.

Importante destacar que, conforme Paulo Freire (1996), a escola e os sujeitos que nela se encontram buscam por uma educação específica e diferenciada, partindo da ideia de se assumir-se como ser social e histórico:

> Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (Freire, 1996, p. 23 - 24).

Busca fortalecer também a interculturalidade, que implica o reconhecimento e o diálogo entre diferentes culturas no contexto educativo. A educação escolar indígena deve, então, promover a troca de saberes entre as culturas indígenas e a cultura escolar formal, respeitando a autonomia epistemológica de cada grupo.

Procura, ainda, o fortalecimento de línguas, no desejo de que a educação local seja de fato uma educação bilíngue, que tenha sua língua materna fluente, que visa o ensino tanto na língua indígena quanto no português, assegurando que os estudantes possam aprender em sua língua materna e, ao mesmo tempo, desenvolver proficiência na língua oficial do país. Isso fortalece a identidade cultural e facilita o acesso a outras esferas sociais sem promover a exclusão ou assimilação forçada.

Ao nos referirmos aos fundamentos legais da educação escolar indígena, podemos destacar que a educação indígena no Brasil tem sua base legal consolidada em diferentes marcos normativos que garantem seu caráter plural e multicultural, a começar pela Constituição Federal de 1988.

É fato que a Constituição Brasileira reconhece os direitos dos povos indígenas, incluindo a sua identidade cultural e formas diferenciadas de educação. O artigo 210 da Constituição Federal assegura que: “O ensino será ministrado com base nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, atendendo às especificidades dos grupos sociais, estudantes com deficiência e superdotados (Constituição Federal, art. 210)”. Já o artigo 231 também reconhece os direitos dos povos indígenas às suas línguas e culturas, o que fundamenta a educação diferenciada e bilíngue.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), que estabelece as diretrizes para a educação nacional e dedica dispositivos específicos à educação escolar indígena, afirma que: “A educação escolar indígena será ministrada preferencialmente em territórios, espaços e/ou instituições indígenas e observará as línguas, as culturas e os conhecimentos desses povos, respeitadas as diversidades regionais” (Brasil, 1996, art. 79, § 4º). Esse dispositivo reforça a necessidade de adaptar o currículo e as práticas pedagógicas ao contexto sociocultural dos povos indígenas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena são um marco que orienta a organização didático-pedagógica dessa modalidade. Publicadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), afirmam: A educação escolar indígena deve ser diferenciada, considerando as linguagens, cosmovisões e saberes tradicionais; deve ser bilíngue, com a valorização das línguas originárias; deve promover a transculturalidade, articulando saberes escolares e tradicionais. Essas diretrizes fortalecem a ideia de que o currículo e as práticas pedagógicas não podem ser meramente transplantes do modelo escolar dominante, mas devem ser reconstruídos em diálogo com os povos indígenas.

Sendo assim, é possível afirmar que a educação escolar indígena representa um compromisso com a pluralidade cultural, o respeito às línguas originárias e a justiça educacional. Ao promover uma educação diferenciada, intercultural e bilíngue, o Brasil reconhece e valoriza os saberes ancestrais e as formas de aprendizagem dos povos indígenas, contribuindo para a preservação de identidades e para a construção de uma educação mais democrática e plural.

2.2 A especificidade da educação Chiquitano e os saberes tradicionais no espaço escolar

Meu povo Chiquitano vem vivenciando um processo de retomada e fortalecimento das práticas culturais e educacionais, uma vez que, devido à imposição de pessoas não indígenas, fomos obrigados a abandonar aquilo que era mais sagrado, ou seja: a vivência da cultura, a língua e os costumes.

Atualmente, por meio do empenho de indígenas da própria comunidade que abraçaram a luta por uma escola dentro da aldeia, com metodologias apropriadas a suas realidades, desempenha-se um papel muito importante, que é a visibilidade de uma educação específica e diferenciada, porém ainda integrada à educação não indígena.

Hoje a Escola Estadual Indígena José Turibio é reconhecida pelo seu amplo trabalho no fortalecimento cultural através dos artesanatos e revitalização da língua materna, em que é possível destacar o empenho de professores, direção escolar, participação da comunidade e anciãos, todos engajados no ambiente educativo.

A especificidade da educação Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho ocorre de muitas formas, seja na pronúncia da língua materna, na escrita, em representações artísticas, artesanais, tecnologias indígenas. Todas essas práticas fazem parte do currículo escolar. É uma luta diária para que a educação seja protagonista do próprio processo de ensino.

Assim, a presença dos saberes tradicionais no espaço escolar Chiquitano é de muita importância, pois traz presente a nossa ancestralidade. O conhecimento é ensinado como parte da realidade, muitos são os envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem, em que os anciões também fazem parte do ambiente escolar.

Esses saberes tradicionais, que foram perdidos ao longo dos anos, hoje, são retomados na escola. Tais saberes são transmitidos pelas experiências vividas, não se restringem ao fato de ler e escrever, e sim a uma vivência cósmica, a relação com o ambiente onde se vive, o espiritual, os rituais, as celebrações, as festividades e os rituais.

Trata-se de saberes que são ensinados através da música, da pintura, do artesanato, grafismo, dança, tudo se conecta. O contato com a natureza, aos poucos, vai ganhando significado e respeito por parte da metodologia Chiquitano que se dá pela escuta atenta e qualificada, dialogo entre gerações, participação ativa de nossos anciões tanto homens como mulheres, posso afirmar que os saberes tradicionais só fortalecem aquilo que está

no sangue de cada criança. Este trabalho, realizado com a prática do artesanato com o broto do acuri e indaiá, quer evidenciar como as práticas tradicionais indígenas contribuem para o aprendizado dos estudantes desde sua fase inicial escolar.

Conforme traz o Projeto Político Pedagógico da escola Chiquitano José Turibio (PPP, 2024):

> Na escola E.E.I. Chiquitano José Turíbio, buscamos desenvolver trabalhos pedagógicos com os estudantes de maneira que possamos criar um ambiente escolar que privilegia o trabalho diferenciado. Trazemos para dentro da escola assuntos que abordam o processo histórico, e as práticas da cultura do povo Chiquitano nas diversas dimensões, trabalhamos em conjunto com os anciãos, com as pessoas mais experientes trazemos para dentro da escola para valorização e fortalecimento desses saberes de grande importância para nosso povo e principalmente para as atuais gerações. Também buscamos entrelaçar os conhecimentos dos saberes tradicionais e do mundo ocidental oportunizando aos estudantes a capacidade de construir habilidades para lidar com os dois conhecimentos. No currículo escolar estão inseridos as práticas e saberes da Cultura (PPP, 2024, p.8).

A escola busca preparar seus alunos para vivencia em comunidade e para além da aldeia como vemos no PPP da Escola Chiquitano José Turibio:

> A escola trabalha os saberes e fazeres indígenas na busca de contribuir na construção de uma sociedade justa, igualitária, que promova a consolidação da identidade e o sentimento de pertencimento ao grupo, não somente a preparação para o mundo do trabalho, mas principalmente os valores culturais, morais, éticos e étnicos como cidadãos capazes de exercer a cidadania e a lutar pela autonomia. Procuramos reforçar estes valores aos estudantes, pois sabemos que não estão restritos somente à aldeia, que eles estejam preparados a lidar com a sociedade lá fora, porém, nunca devem esquecer seus valores, suas raízes (PPP, 2024, p.8).

São saberes considerados históricos pelo povo Chiquitano, conhecimentos adquiridos de seus antepassados, os quais buscam preservar como parte importante de suas culturas, pois a educação para o povo Chiquitano não se restringe à alfabetização ou ao ensino de disciplinas estruturadas em sala de aula. A educação é um modo de ser e de se compreender como pessoa, uma forma de se comportar em todos os espaços, está relacionada à forma como se entrelaça a outras culturas e, principalmente, com os mais velhos, intimamente ligada ao respeito.

É possível destacar que os indígenas compreendem a educação não formal, pois possuem seu modo próprio de compreender os ensinamentos, pode-se dizer que a educação não formal é o conjunto de práticas educativas intencionais, organizadas fora do sistema escolar, desenvolvidas em contextos comunitários da aldeia, sendo elas

culturais e sociais, voltadas à formação humana, à cidadania e à valorização dos saberes locais, que envolve o todo da cultura, desde rituais, artesanatos, músicas, etc.

As nossas crianças aprendem na vivência do dia a dia da aldeia. A aldeia possui um papel significativo na vida de nossas crianças, jovens, adultos, anciãos, todos são responsáveis pelos ensinamentos, pelo que é permitido e pelo que não é permitido, pelo certo e pelo errado.

Os anciões não tiveram a oportunidade de serem alfabetizados quando crianças, mesmo assim são responsáveis pelos ensinamentos de forma oral do conhecimento, assim como ensinamentos práticos, como ensinar a confecção de um artesanato; são formas riquíssimas de passar o conhecimento. O uso das plantas para cada finalidade, medicinal, artesanal, simbólico, melhor época de retirar matéria-prima para os artesanatos, estão ligados ao ciclo da lua. A seguir, é possível compreender como a cultura, identidade e território são elementos fundamentais, pois para os Chiquitano, estes pontos estão interligados, porque trata-se de uma construção social e histórica.

2.3 Cultura, identidade e território do povo Chiquitano

Esta relação entre cultura, identidade e território é fundamental para compreender a existência e a continuidade dos povos indígenas. A cultura se manifesta nos modos de viver, nas práticas sociais, nas formas de organização, na espiritualidade, nos saberes e nas linguagens que dão sentido à vida coletiva na aldeia. O território, por sua vez, não é apenas um espaço físico, mas um espaço de pertencimento, onde se constroem relações simbólicas, históricas e afetivas, este espaço pertenceu aos nossos antepassados e hoje a nós. É nele que se realizam as práticas culturais, se transmite conhecimentos e se fortalece o vínculo entre as gerações.

Por sua vez, a identidade étnica está ligada ao reconhecimento de uma origem comum, de valores compartilhados, de tradições, língua, costumes e formas próprias de compreender o mundo. Ela é construída social e historicamente, sendo reafirmada nas relações com outros grupos e na luta pela preservação dos direitos culturais e territoriais, já previstos na Constituição Federal. A identidade não é algo fixo, mas um processo dinâmico, alimentado pelas experiências coletivas e pela resistência frente às transformações sociais.

Nesse contexto, a memória coletiva exerce papel essencial, pois guarda as histórias, os mitos, os acontecimentos marcantes, os saberes e as práticas ancestrais. É por meio da oralidade, dos rituais, das celebrações e das práticas cotidianas que essa memória é transmitida, garantindo a continuidade cultural e o fortalecimento da identidade do grupo. De acordo com Souza et. al (2025),

> Os mitos e narrativas tradicionais desempenham um papel central na transmissão de conhecimentos e valores nas comunidades rurais e indígenas do Norte do Brasil. Essas narrativas, muitas vezes transmitidas oralmente, são instrumentos pedagógicos que conectam as gerações, preservando a memória coletiva e fortalecendo a identidade cultural (Souza et.al., 2025, p. 2924).

A relação com a natureza é um elemento central em nossa vida como povos indígenas, pois nos compreendem como parte integrante da natureza. A terra, os rios, as florestas, os animais e as plantas possuem significados que ultrapassam o uso material, envolvendo dimensões espirituais, culturais e de cuidado, assim como sua relação cósmica. Assim, o território é visto como espaço de vida, de equilíbrio e de responsabilidade coletiva, reforçando práticas de respeito, sustentabilidade e reciprocidade com a natureza.

É comum ouvir indígenas dizerem que a terra é a casa comum e a natureza é mãe que oferece tudo que é necessário para sobreviver, se a terra ou a natureza está ferida, os povos se sentem feridos por se sentirem partes integrantes delas. Os indígenas têm um cuidado com a natureza, não têm olhar abusivo, não destroem com objetivos de lucrar com ela ou com suas riquezas, pelo contrário, retiramos o necessário para viver.

2.4 Etnoconhecimento e práticas pedagógicas do povo Chiquitano

É impossível pensar a educação indígena desconectada da relação do etnoconhecimento e das práticas pedagógicas. Nesse sentido, é que o etnoconhecimento, que são os saberes, tradições (cultura) passados de geração a geração nas comunidades tradicionais, aprendidos com a vida cotidiana e a interação direta com o meio que os cerca e seus fenômenos naturais (Nascimento, 2013), é parte da vida dos povos originários. Já a educação intercultural propõe o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, valorizando tanto os saberes escolares quanto os saberes tradicionais. Ela reconhece que não existe apenas uma maneira de compreender o mundo, mas diversas perspectivas construídas a partir das experiências culturais de cada povo, pois:

> A educação intercultural surge como uma proposta essencial para superar essas dicotomias, promovendo um diálogo entre os saberes científicos e os saberes tradicionais. Essa abordagem visa não apenas valorizar a diversidade cultural, mas também fortalecer a identidade e a autonomia dos povos tradicionais, contribuindo para uma educação mais inclusiva e contextualizada. Nesse sentido, os mitos e narrativas tradicionais desempenham um papel fundamental, pois são ferramentas pedagógicas que transmitem valores, conhecimentos ecológicos e visões de mundo específicas, enriquecendo o processo de aprendizagem (Souza et.al., 2025, p. 2924).

Nesse sentido, a escola deixa de ser um espaço de imposição cultural e passa a ser um lugar de troca, respeito e reconhecimento das identidades, promovendo a valorização das línguas, das histórias e das práticas comunitárias. No dia a dia, a escola se depara com os desafios relacionados às questões curriculares que são apresentadas com metodologias a serem cumpridas conforme as instâncias maiores.

A aprendizagem pela prática assume papel central. O aprender não acontece somente por meio de livros e explicações teóricas, se dá pela vivência, pela observação, pela participação nas atividades do cotidiano e pela interação com os mais velhos/anciãos. Ao confeccionar um artesanato, cultivar a roça, preparar alimentos tradicionais ou participar de rituais e celebrações, os estudantes desenvolvem conhecimentos, habilidades e valores. Esse processo conecta corpo, mente e cultura, tornando o aprendizado mais significativo e ligado à realidade da aldeia.

Os saberes e a relação com a natureza estão intimamente ligados à sustentabilidade de cada povo. Nós, povos indígenas e comunidades tradicionais, acumulamos, ao longo das gerações, conhecimentos sobre plantas, animais, ciclos da natureza, manejo da terra e uso responsável dos recursos naturais. Esses saberes ensinam formas de viver em equilíbrio com o ambiente, baseadas no respeito, na reciprocidade e no cuidado com a vida. Ao serem incorporados à educação, contribuem não apenas para o fortalecimento cultural, mas também para a formação de uma consciência ambiental crítica, essencial diante dos desafios ecológicos atuais. A educação intercultural está, então, intimamente aliada à aprendizagem prática e aos saberes da natureza, promovendo uma formação integral, que valoriza a identidade, fortalece a cultura e incentiva atitudes sustentáveis, unindo tradição e contemporaneidade na construção de um futuro mais equilibrado.

No próximo capítulo, apresento o meu povo Chiquitano e o saber do trançado com o broto do indaiá e acuri.

3 O POVO CHIQUITANO E O SABER DO TRANÇADO COM O BROTO DO INDAIÁ E ACURI

Neste capítulo, serão tratados pontos fundamentais para compreender o histórico do povo Chiquitano, o significado do trançado com o broto das palmeiras indaiá e acuri, e o trançado como prática educativa tradicional.

3.1 Breve histórico do povo Chiquitano

O povo Chiquitano está presente em maior número no estado de Mato Grosso, na região de fronteira entre Brasil e Bolívia. Porém, vale ressaltar que existem Chiquitano em outros estados, posso destacar aqui minha irmã Lídia, que mora em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul. Tenho uma tia (Catarina), irmã da minha mãe, que mora em Campinas; meu tio (Dionizio), irmão de minha mãe, reside no Acre; primos (Marlene e Ednilson), que moram em Rondônia; minha prima (Sonia), que mora em Salvador; ainda Elidio, filho de Clemencia e Nicolau, ancião da nossa aldeia, que mora em Rio Preto, São Paulo. Mesmo estando distantes, todos eles mantêm vínculo com a nossa aldeia; outros parentescos estão em aldeias próximas, tais como:

> a terra indígena Portal do Encantado, que que foi criado pela Portaria/FUNAI, 251/PRES de 13/04/00 em 2010 foi declarado esse território que abrange três municípios, o município de Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela, portal do Encantado tem essas quatro aldeias e uma central Chiquitano, precisa agora fazer o registro e os emplacamento. Já a terra indígena Vila Nova Barbecho vem depois do portal, está em processo de criação do GT, que já foi reivindicado aqui nessa aldeia [...] mas existem outras aldeias que estão em reivindicações para demarcação ou por garantia de direito que são aldeia Osbi, Aldeia Santa Mônica, Aldeia Nova Fortuna, Aldeia Bocaina, Aeroporto em Vila Bela e outros (Chuê, 2023, p. 48).

É importante destacar que principalmente a região de fronteira onde os Chiquitano estão, com terras invadidas por fazendas, e devido ao medo e à insegurança pela imposição dos não indígenas, algumas comunidades não se autodeclaram indígenas. Muitos trabalham em fazendas como peões, negando a própria cultura, pois é uma forma de garantir seu emprego, seu sustento, por meio do trabalho forçado e pesado.

Nessa direção, Chuê (2022, p. 14), em seu estudo, afirma que “Nosso povo Chiquitano habita os dois lados da fronteira Brasil e Bolívia e, desde sempre, tivemos que lutar muito por reconhecimento, até hoje existem dificuldades em relação aos nossos territórios”.

Estamos, então, no Brasil e na Bolívia. No Brasil, encontram-se os Territórios de Vila Nova Barbecho, Portal do Encantado, Vila Aparecida, Nova Fortuna e nas cidades de Vila Bela, Porto Esperidião, Cáceres e Cuiabá, no estado de Mato Grosso.

A Aldeia Vila Nova Barbecho (onde resido) está situada no Território indígena Vila Nova Barbecho, no município de Porto Esperidião – MT, a 110 quilômetros da cidade. Somos na quantidade de 27 famílias, aproximadamente 100 pessoas, que moramos espremidos num pequeno espaço de terra de 25 hectares, resultado de uma situação conflituosa sobre território indígena e fazendeiros. O Território não está demarcado, e atualmente se encontra com trâmites de processo judicial, no Ministério Público.

Apresento, na imagem a seguir, o pequeno espaço onde vivemos na aldeia Vila Nova Barbecho. É possível ver a delimitação da aldeia e a localização da Escola Estadual Indígena José Turibio.

Figura 03: Delimitação da aldeia Vila Nova Barbecho e localização da E. E. Indígena José Turíbio



Fonte: Imagens ©2026 Airbus, Maxar Technologies, Dados do mapa ©202650 m. 2026.

Antes do contato com os colonizadores, éramos um povo livre, vivíamos no nosso Território e tínhamos as nossas próprias subsistências, garantindo nossa sobrevivência com as nossas práticas e sustentabilidade com os recursos naturais próprios do Território.

Como os demais povos originários, passamos pela opressão e pela colonização, sendo tratados como povos inferiores, assim como dizem Candau e Russo (2010, p. 159):

> Nessas realidades, em geral predomina uma ideologia que privilegia os eurodescendentes e a branquidade, inferiorizando e subalternizando os grupos que não podem ser incorporados nesta categoria e suas contribuições para a construção das respectivas sociedades. [...] podemos pensar que as diferentes posições hierárquicas entre eles devem se à capacidade e empenho dos indivíduos e/ou à inferioridade de determinados grupos. Essa ideia se disseminou no imaginário social contribuindo para que as sociedades não se reconhecessem como hierarquizadoras, discriminadoras e racistas.

Nesse processo colonizatório, nossa língua, religiosidade, cultura e saber tradicional foram impactados. Antes desse processo, eram aspectos da cultura fortalecidas todos os dias com os conhecimentos dos nossos anciãos, sabedores da espiritualidade, da cosmologia e da ancestralidade.

No pós-contato, houve muitos conflitos com perseguição, exploração e opressão, fomos obrigados a deixar de praticar nossa língua e a prática cultural, pois éramos ameaçados se continuássemos assumindo o que era próprio do povo, assim como relata Chuê (2022, p. 14):

> Nós, Chiquitano, após o contato com brancos, em particular, os fazendeiros, pessoas que chegavam e diziam ser donos das terras, diziam que haviam comprado o lugar, fomos explorados, muitos perseguidos e mortos pelos colonizadores, fazendeiros e militares. Nós éramos ameaçados para não assumirmos nossas culturas, nossa língua e crenças, fomos proibidos de praticarmos nossos saberes tradicionais e muitos dos nossos lugares Sagrados foram destruídos pelos dominadores.

Contudo, muito dos nossos que resistiram a essa opressão foram dizimados por não obedecerem e se dobrarem à dominação. E, nós, que sobrevivemos, deixamos abafados, escondidos por muito tempo nossos saberes tradicionais Chiquitano, nossas práticas culturais e nossa língua, e hoje, na luta pelo nosso Território e nossos direitos, estamos buscando esse fortalecimento através da nossa escola.

Dialogar sobre ensino e docência, nos dias de hoje, na educação escolar indígena, na unidade escolar na aldeia, é de fundamental importância, pois se trata de um trabalho dinâmico e sujeito a mudanças constantes. Isso é possível quando há objetivos e metas próprios da comunidade da escola e também da aldeia, não aquelas que chegam prontas e impostas, mas principalmente, as que são traçadas pelo público principal, ou seja, a comunidade indígena, juntamente com as lideranças. Assim é que esta pesquisa intenciona fortalecer as práticas pedagógicas no modo de ensinar o saber tradicional dos

trançados Chiquitano, visando a preservação e a valorização no processo pedagógico na Educação Escolar Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho, município de Porto Esperidião Mato Grosso. Como professora e liderança atuante na aldeia, percebo a necessidade desta pesquisa.

3.2 O significado cultural do trançado Chiquitano

O trançado por si só carrega um significado importante para nós, Chiquitano, sendo praticado tanto por homens, mulheres, até mesmo por crianças, não tem segredo, mas tem seu valor cultural. O trançado com o broto de indaiá e acuri, uma herança ancestral, é um ensinamento que passa de geração em geração, por ser fácil, prático e rápido. Porém, podemos destacar o papel das mulheres e anciãos na transmissão dos conhecimentos, principalmente, para as crianças, de um broto, através do qual é possível se fazer vários artefatos, desde baquités[4], esteiras[5], banicos[6], com as folhas, as mulheres ensinam as crianças a fazerem brinquedos, como sanfoninha[7], flores, relógios, cobrinha[8], chapéu, charuto[9], etc.

O uso dos artefatos se dá no cotidiano, conforme as necessidades de cada um, desde armazenamento, condicionamento, transporte de produtos da roça para casa, ou secar sementes ao sol.

Como antecipado, o enfoque deste trabalho se concentra nas duas palmeiras, o indaiá e o acuri, especificamente com o broto, ou seja, uma folha nova que está no seu processo de abertura, uma folha macia e que favorece o desenvolvimento do trançado. Algumas características próprias de cada palmeira, no subitem a seguir.

3.3 O trançado com brotos de indaiá e acuri

[4] Baquité é um trançado manual, pode ser do broto de indaiá ou acuri, semelhante a uma cesta, utilizado para armazenar objetos; a sua utilidade depende de cada necessidade, podendo ser grande ou pequeno.
[5] Esteira é um trançado do broto de acuri de formato plano, podendo ser a partir de 50 cm, a depender do tamanho do broto. Sua utilidade é variada, podendo ser utilizado para se repousar em cima dele, secar sementes ao sol ou ornamentação de ambiente.
[6] O banico é um trançado no mesmo formato da esteira, porém, o que os diferencia é o tamanho e formato. O banico possui vários formatos: quadrado, triangular, formato de coração. Pode ser usado como um leque para se refrescar do calor, podendo ser usado ainda para abanar fogo à lenha.
[7] Um trançado de formato sanfonado, feito com a folha de indaiá ou acuri, cuja utilidade é servir de brinquedo para criança ou ornamentação de ambiente.
[8] Cobrinha é um trançado no formato de cobra, com utilidade ornamental e brinquedo para crianças.
[9] Charuto é um trançado no formato de charuto para brinquedo de crianças.

O trançado com brotos de indaiá e acuri é uma prática cultural do povo Chiquitano, através do trançado é possível confeccionar vários tipos de artesanatos, desde os mais simples até os mais complexos. Esta prática foi introduzida no ambiente escolar, em particular na Escola Estadual Indígena José Turíbio - Aldeia Vila Nova Barbecho – Porto Esperidião - Mato Grosso, por considerá-la importante no fortalecimento cultural desse povo.

Esses processos de ensino e de aprendizagem proporcionam aos estudantes muitos benefícios, pois o que antes era ensinado pelos pais em casa passa a ser fortalecido também no ambiente escolar, por compreender a importância das práticas culturais como uma metodologia pedagógica.

O indaiá e o acuri são duas palmeiras nativas da região, e diante da escassez de outros materiais utilizados na confecção dos artesanatos, vêm sofrendo alterações na sua disponibilidade, uma vez que o território tem sua área de ocupação diminuída por imposição de um fazendeiro na região; já é notada a degradação destes recursos tão importantes para os indígenas da aldeia Vila Nova Barbecho.

Através dos trançados feitos com brotos do indaiá e acuri os estudantes e professores confeccionam inúmeros artesanatos de uso ornamental. O trançado de palha, como artefato da tecnologia tradicional indígena, apresenta equivalência funcional aos recipientes industrializados, como sacolas, por desempenhar a função de acondicionamento e transporte de alimentos ou, ainda, ajustados às necessidades de cada pessoa; pode armazenar outros objetos ou transportar materiais diversos.

O indaiá é uma planta que nós, Chiquitano, utilizamos muito na nossa cultura, pois é de grande utilidade para nós, desde suas folhas, brotos e castanha. Essa planta é uma palmeira baixa e nós utilizamos suas folhas no trançado, na construção da cobertura das nossas casas tradicionais Chiquitano.

É uma palmeira de porte pequeno, suas folhas se estendem e podem ser penduradas até o chão. Seu broto é de porte pequeno também, se comparado ao broto do acuri, porém seu fruto possui muitas utilidades. É consumida como alimento, a polpa do fruto (coco), tanto cozida como também nos ingredientes de bolo. A castanha também é gostosa, mas só se consegue retirar se cozinhá-la na brasa ou na água quente, quando ainda estão verdes; seco, é possível retirar com facilidade.

Seu broto é utilizado para confeccionar grandes e pequenos trançados de cestas (baquité), abanador (banico), esteiras, e enfeites culturais, tais como: sanfoninhas, cobrinhas, charutos, relógios, rosas e passarinhos, e sua castanha é utilizada como alimento para humanos e também para animais roedores. Na figura 04, a seguir, em destaque a palmeira indaiá.

Figura 04 - Palmeira Indaiá



Fonte: A autora, 2025

A seguir, em destaque, na figura 05, o broto de indaiá que é utilizado para realização de diversos trançados.

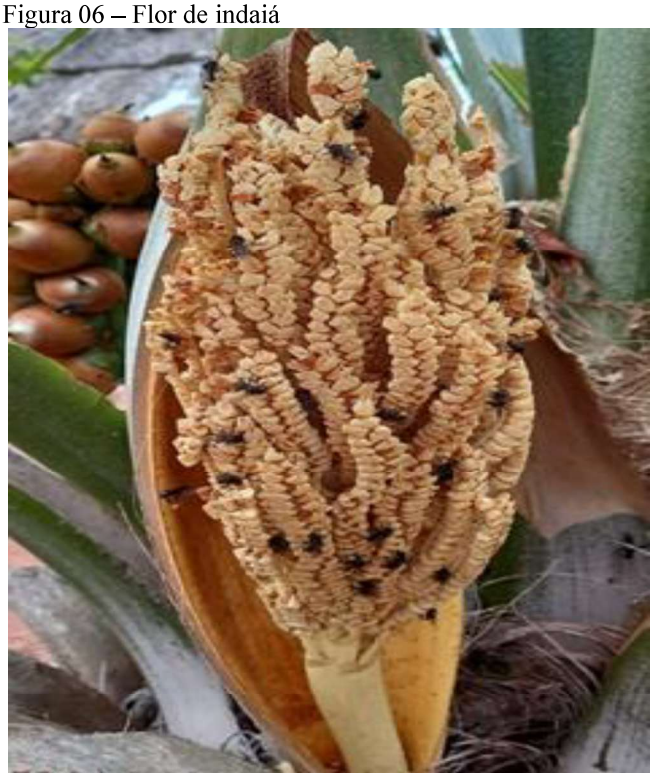
Figura 05 – Broto de indaiá



Fonte: Edleny Chue Muquissai, 2026

Na figura 06 em destaque flores de indaiá, nelas é possível visualizar as abelhas polinizadoras das flores, a abelhinha preta.

Figura 06 – Flor de indaiá



Fonte: A autora, 2026

Na figura 07 em destaque os frutos de indaiá, chamado também como cacho de coco ainda verde, mas já está no ponto de servir de alimento.

Figura 07 - Fruto de indaiá



Fonte: A autora, 2026

Suas folhas maduras são usadas para cobrir as moradias. Atualmente estamos vivendo dificuldades de encontrar o indaiá próximo das casas, devido ao desmatamento por parte de fazendeiros. Por esse motivo, nossa aldeia vive com a escassez deste coqueiro.

A seca durante o ano dificulta a regeneração da planta com rapidez. Isso é um sofrimento muito grande para nós, Chiquitano, pois a natureza é parte da nossa vida, e quando ela é destruída, todos nós sentimos essa degradação ambiental. Na figura 08, as áreas de cerrado, habitat natural do indaiá, porém está devastado pelo gado, no pasto seco, só restam os indaiás para alimento do gado do fazendeiro.

Figura 08 - Habitat natural do indaiá, porém devastado pelo gado



Fonte: A autora, 2025

São cenas lamentáveis, e ao nos depararmos com tais situações, dói em nossa alma como Chiquitano. Nós nos sentimos feridos e sem poder fazer nada para proteger, pois é uma área considerada de uso comum da aldeia; a pecuária ganhou espaço enquanto nós ficamos à mercê da realidade. É desta forma que desejamos ter indaiás: fortes, bonitos, cheios de vida, pois quando eles estão bem cuidados, sua beleza é notável, e mesmo sendo retirados seus brotos e folhas, ele se recupera rapidamente e sem sofrimento.

Na figura 09, alguns pés de indaiás próximos às residências, no quintal de casa, pátio da escola, proximidades da aldeia. São nativas, não foram plantadas, apenas cuidados para deixá-las bonitas.

Figura 9 - O belo está em ter indaiás verdes e fortes



Fonte: A autora, 2025

O acuri é uma palmeira alta, que em nossa cultura, na ausência do indaiá, suas folhas são utilizadas para fazer o trançado da cobertura das nossas casas. Com o broto, nós fazemos o trançado de cestos (baquité) e esteiras maiores, abanador (banico), cesto (jacá), cargueiro de aves, entre outros artefatos culturais Chiquitano. Também utilizamos o fruto e a castanha na nossa alimentação. Na figura 10, um pé de acuri na sua fase adulta.

Figura 10 – Pé de acuri



Fonte: A autora, 2025

Na figura 11, as palmeiras acuri, vários pés juntos formando, em seu habitat natural, o chamado Acorizal. Vale ressaltar que a maior parte do Acorizal está fora do espaço da aldeia, dificultando o acesso.

Figura 11 - Pés de acuri formando o Acorizal



Fonte: A autora, 2025

A seguir, igualmente estão destacadas as particularidades do acuri. Na figura 12, flores; na figura 13, cacho do fruto da palmeira, em seu estágio verde. É possível notar a diferença de cada palmeira, pelo seu tamanho, altura e suas folhas, flores e frutos.

Figura 12 – Flor do acuri



Fonte: A autora, 2025

Figura 13 - Cacho



Fonte: A autora, 2025

Esses dois tipos de palmeiras são plantas consideradas muito importantes na nossa cultura Chiquitano, por serem utilizadas quase sempre no nosso cotidiano. Utilizamos principalmente o indaiá e o acuri, que é o que temos mais acesso para fazer os artesanatos trançados, conforme Urupe (2016, p.14)

> Trançar é um ato solitário, que exige atenção, paciência e dedicação. O povo Chiquitano confeccionava e ainda confeccionamos vários tipos de artesanatos trançados para serem utilizados no cotidiano do povo e para suprir as necessidades da família. Cada artesanato tem sua maneira de ser confeccionado. Alguns são feitos tanto pelo homem como pela mulher. As crianças aprendem com seus pais, avós, tios e comunidade a confeccionar esses artesanatos. Existem artesanatos que são feitos de palha, broto de indaiá, babaçu e acuri, e outros de tala de buriti. Dessa maneira, o artesanato Chiquitano é passado de geração em geração, mantendo a arte e a cultura do povo.

Conforme Ribeiro (1985, p. 127), tudo se aproveita das palmeiras, e os indígenas sabem muito bem explorar essas riquezas todas.

> As palmeiras mais utilizadas para os trançados dos índios do Brasil são também as que fornecem, durante certos períodos do ano, o maior suprimento de frutos não cultivados, de cujas sementes se extraem amêndoas comestíveis e óleo para diversos fins. Assim, não só a fibra, a palha, o pecíolo, a nervura da folha, o cerne e a noz são utilizados para a confecção de artefatos, mas também os frutos, as amêndoas e os palmitos, que representam um importante item na dieta alimentar indígena. (Ribeiro, 1985, p. 127).

Do broto das duas palmeiras são confeccionados vários artesanatos de trançado, sendo principalmente três deles, que são denominados por nós, Chiquitano: abanador, esteira e baquité. Esses objetos são feitos dos brotos para carregar/trazer mandioca, milho e vários outros tipos de alimentos coletados, tanto da roça, quanto da mata. Seus frutos são alimentos típicos da cultura Chiquitano.

O povo Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho sofre com o desmatamento dessas duas palmeiras tão importantes. O pasto, o veneno e a presença da pecuária são as principais causas do desequilíbrio ecológico do habitat natural, principalmente, do indaiá. Já o acuri é muito usado para a construção das casas tradicionais, e devido ao encurralamento, por parte do fazendeiro da região, que delimitou espaço da aldeia, torna-se inviável a manutenção, reprodução, uma vez que o espaço é muito pequeno de onde se pode retirar as palhas para construção de casas, e isso leva à escassez no território.

Com a ausência desses dois coqueiros nas proximidades da aldeia é possível notar o desequilíbrio em relação ao meio ambiente. Os animais sofrem por falta de alimentos, as aves e os roedores que se alimentam dos cocos também sofrem na seca que se forma

no meio do acorizal. A comunidade busca sempre reforçar o manejo das palmeiras de forma equilibrada e sustentável, uma vez que o replantio não é feito de forma semelhante a outras plantas, pois trata-se de um processo natural, os cocos caem e vão nascendo novos pés, que leva um longo tempo até estar no ponto de ser coletado. Durante esse período, exige-se paciência com seu crescimento natural.

O trançado é uma das práticas que são realizadas no ambiente escolar. Existe uma peculiaridade no processo de ensino, ou seja, muitas crianças aprendem por meio da observação, desde pequenos favorecendo a prática da motricidade.

3.4 O trançado como prática educativa tradicional

No aprendizado indígena existe uma particularidade que é o aprender observando, praticando de maneira informal no dia a dia junto com os mais velhos, aprender fazendo. Muitos dos artesanatos são ensinados em casa, outros que não são aprendidos, ensina-se na escola, como prática cultural. A criança indígena é curiosa, atenta, criativa, e se incentivada pelos adultos, a sua criatividade flui, pois está na sua alma.

O ensino é intergeracional, ou seja, desde pequenos os Chiquitano participam de todo o processo de construção dos artesanatos e trançados. É comum ver os mais velhos ensinando às crianças a arte do trançado, fazendo artesanatos utilizando uma única folha de um broto. Por exemplo, se se compartilha os conhecimentos, uns aprendem com os outros; irmãos mais velhos também são responsáveis por ensinar as crianças.

É possível encontrar adultos que não sabem fazer um brinquedo de palha, mas aí o ensinamento se inverte, e as crianças aprendem na escola e podem ajudar os adultos na fabricação de tais objetos, em práticas simples. Nesses processos de ensino e também de aprendizagem, é possível notar os valores que são transmitidos uns aos outros. É um processo dinâmico que exige paciência por parte de quem ensina e de quem aprende, acontece também a valorização do trabalho coletivo, o respeito nesses processos.

No capítulo, a seguir, será apresentado os caminhos metodológicos percorridos por mim, como pesquisadora. Passos que foram sendo construídos pouco a pouco, com muito empenho e dedicação.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, fez-se uso da metodologia de pesquisa Chiquitano, que de acordo com Chuê (2023), "essa metodologia vem sendo desenvolvida por pesquisadores de áreas diferentes, mas que os princípios são os mesmos. Áreas de Licenciaturas, Educação Específica e Diferenciada, Saúde indígena, Direitos indígenas e dos territórios, e psicossocial" (Chuê, 2023, p. 19), dessa forma:

> Na pesquisa Chiquitano, as decisões são realizadas por meio primeiramente de diálogos coletivos, e participação nas entrevistas de membros locais, entrevistas com diversas faixas etárias de idade. [...] De acordo com nossos princípios Chiquitano, a voz das bases locais são alicerces e pontos norteadores, [...] nas entrevistas foram destacados pontos importantes para um pesquisador Chiquitano, como, Tempo, Espaço, Relação Cósmica Indígenas, Relação com a Mãe Natureza, Conectividade com a Ancestralidade, e com os Seres Encantados, nossos antepassados os quais temos muito respeito (Chuê, 2023, p. 19 - 20).

Enquanto as entrevistas eram realizadas, a natureza se envolvia junto. Era possível ouvir o canto dos pássaros, periquitos, pardais, o cantar do João de Barro, o arrulhar das pombinhas, o cantar do galo, o cantar do bem-te-vi, barulhos de crianças, a brisa suave da manhã, ou o calor escaldante do sol forte. Tudo isso se conecta ao contexto desta pesquisa. Segundo Chuê (2023), ao se fazer o questionamento sobre "O que não pode faltar na pesquisa de um pesquisador Chiquitano?", a mesma afirma:

> O objetivo de lutas e resistências que as pesquisas vêm somar para concretização da garantia dos direitos originários, em particular este período que está sendo marcado pela luta pela terra, pelo território na região de fronteira, então por esta razão os participantes das pesquisam esperam que a pesquisa venha somar para esta luta, realização de um sonho. Faz se necessário deixar claro as dificuldades enfrentadas pelo povo Chiquitano em particular da Aldeia Vila Nova Barbecho, pois nas pesquisas podem estar registrados os retrocessos sofridos ao longo da história. É insustentável o discurso que os chiquitanos são bolivianos, por isso não tem direito a terra, ou que são preguiçosos e vagabundos, o povo está saturado de tantas inverdades, é hora de esclarecer deixar registrado como forma de denúncias de tanta violência e retrocesso causado ao povo chiquitanos (Chuê, 2023, p. 20).

Chuê (2023) destaca ainda alguns pontos importante que podem nortear uma pesquisa Chiquitano com relação cosmológica:

> -Pontos que norteiam a pesquisa a partir da cosmologia e modo de vida Chiquitano.
> - Comprometimento com o povo Chiquitano
> - Fortalecer a luta e dar visibilidade do povo Chiquitano de Vila Nova Barbecho
> - Saber onde quer chegar com sua pesquisa

> - Incorporar variadas linhas de pesquisa
> - Formar pesquisadores Chiquitanos
> - Resultados curto e longo prazo e comprometimento com a causa Chiquitano, na luta pela demarcação da terra.
> - Dialogar com outros campos fundamentais para um pesquisador, ética, política, acadêmicos e centros de pesquisas.
> - Levar ao campo científico a concreta existência de um povo que é resiliente e resistente na região de fronteira Brasil/Bolívia. (Chuê, 2023, p. 20).

Chuê (2023) destaca ainda que esses pontos destacados podem ser complementados à medida que cada pesquisador Chiquitano julgar necessário.

> Importante ressaltar que esta lista são alguns pontos importantes porem podem ser implementados outros à medida que cada pesquisador Chiquitano julgar necessário, e após um consenso entre pesquisadores e comunidade indígena. Para o Chiquitano pesquisador, o mundo não se encontra dividido. Um pesquisador Chiquitano depois de adquirir o conhecimento científico no curso superior, pode de alguma forma utilizar o mesmo para contribuir com seu povo na base. Está mais que na hora de sermos protagonistas da nossa própria história como Chiquitano, originário, pesquisador, militantes e lideranças indígenas Chiquitano (Chuê, 2023, p. 21).

Diante da minha experiência posso destacar também que a metodologia Chiquitano passa primeiramente pelo processo da oralidade de nossos anciãos, o aprendizado passa pela observação atenta, relação participativa da comunidade e do pesquisador, escuta profunda dos ensinamentos, e posteriormente o se testar, praticar o que foi ensinado, transmitido oralmente.

Optou-se pela pesquisa qualitativa, cuja abordagem metodológica leva em consideração as ciências humanas e sociais, pois busca compreender fenômenos sociais a partir dos significados, experiências e interpretações dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

> Na pesquisa qualitativa, o pesquisador observa, seleciona, interpreta e registra as informações. Dessa forma, os resultados deste tipo de pesquisa são expressos na forma de transcrição de entrevistas, narrativas, apresentações de fotografias, desenhos, etc. Esses instrumentos são utilizados com a finalidade de aproximar e de conhecer o objeto e/ou o assunto, a temática, o fenômeno da pesquisa. O objetivo é compreender os significados do que está sendo estudado/pesquisado (Ferreira, 2020, p. 17).

Considerou-se ainda a pesquisa etnográfica ou participante, a qual consiste na imersão do pesquisador no cotidiano do grupo estudado, cujo objetivo é compreender as práticas, valores, crenças e formas de organização social.

> A etnografia sempre foi utilizada pela antropologia, mas ultimamente tem sido bastante utilizada na pesquisa em educação. A etnografia diz respeito à descrição densa de um povo, ou seja, de uma descrição bastante detalhada, de

> um jeito que, ao ler o que foi escrito, é possível que qualquer pessoa consiga entender a organização, a cultura, as tradições e as formas de fazer a educação escolarizada daquele povo. O método etnográfico é possível com muito envolvimento e tempo para a realização da pesquisa (Ferreira, 2020, p. 18).

Nesse sentido, torna-se evidente minha participação como pesquisadora, pois sou parte deste povo, desse local onde acontece a pesquisa. Convivo com a comunidade, conheço suas dinâmicas, participo de atividades dentro da aldeia, registrando as experiências em diário de campo, buscando respeitar a lógica própria dos entrevistados.

Destaco, ainda, como pesquisa participante, pois por meio dela é possível enfatizar o envolvimento ativo da comunidade no processo investigativo. Os participantes não são apenas objetos de estudo, mas sujeitos que colaboram na construção do conhecimento, valorizando o diálogo, a escuta e a construção coletiva de saberes.

> Na pesquisa participante, você participa de todas as ações e etapas da pesquisa, está envolvido/a com o lócus da investigação, e/ou faz parte do grupo investigado. Há um envolvimento encarnado politicamente e, muitas vezes, se pretende intervir no sentido cultural-econômico-social dentro da realidade pesquisada (Ferreira, 2020, p. 20).

Por meio deste estudo, busquei promover uma pesquisa ética e comprometida com a realidade local do meu povo Chiquitano, na aldeia Vila Nova Barbecho, no processo de afirmação e valorização cultural e também educativo.

Para embasamento teórico, foram realizadas buscas na internet, revisões bibliográficas referentes ao tema em livros, PPP da escola, teses, dissertações, trabalhos de conclusões de curso, artigos científicos, produções indígenas, etc. Pesquisou-se também em materiais do arquivo da Escola Estadual Indígena José Turibio, nas plataformas *on-line* de periódicos científicos, bem como nas plataformas de divulgação dos trabalhos indígenas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas e posteriormente transcritas, com lideranças, anciãs e docentes; oficinas com estudantes para confecção de artesanatos e desenhos sobre as palmeiras acuri e indaiá.

Realizou-se também buscas sobre o povo Chiquitano, sobre o trançado com broto de indaiá e acuri, e foram encontradas publicações de pesquisadores indígenas Chiquitanos e também pesquisadores não indígenas, no total de 16 publicações, duas dessas publicações possuem relação direta com o tema da minha pesquisa.

> O acadêmico e acadêmica têm a responsabilidade de ler o que existe publicado sobre sua temática, pois essas leituras auxiliam na compreensão e nas interpretações. Acima de tudo, deve se dar muito valor para os consultores

> nativos, as pessoas que estão na comunidade, na aldeia, e que detêm o conhecimento sobre a pesquisa que você está desenvolvendo (Ferreira e Cruz, 2021. p. 19).

As publicações encontradas constam em dois quadros a seguir, e se referem a estudos publicados por autores Chiquitanos; três publicações de autores não Chiquitanos, mas que tiveram autorização para realização da pesquisa na aldeia Vila Nova Barbecho. Todos, de certa forma, contribuíram para a luta e fortalecimento cultural e educacional do nosso povo. No quadro 01, destacam-se os estudos publicados sobre o povo Chiquitano, da aldeia Vila Nova Barbecho.

Quadro 01. Estudos publicados sobre o povo Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho.

AUTOR/ES	TÍTULO	ANO	MODALIDADE	INSTITUIÇÃO
1. Silvano Chuê Muquissai	Demarcação da terra indígena Vila Nova Barbecho: perspectivas do direito originário e constitucional	2025	Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação - TCC	Universidade Federal de Mato Grosso. Faculdade de Direito. Curso de Direito.
2. Lídia Urupê Chuê; Edmundo Nicolau Chuê Muquissai; Leiliane Chuê Muquissai	O esporte como espaço estratégico da prática: fortalecimento e difusão da Identidade Cultural Chiquitano por meio da arte e dos grafismos	2024	Artigo	Anais do V Congresso Científico Internacional sobre Povos e Comunidades Tradicionais da RedeCT.
3. Suzilene Urupe Chuê; Cláudia Landin Negreiros	Realidade sociolinguística do povo Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho	2024	Artigo	Revista Taka'a, Barra do Bugres (MT).
4. Saturnina Urupe Chuê; Lucia Helena Alvarez Leite	Educação escolar indígena do povo Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho: um processo de luta e resistência	2023	Artigo	Anais da RedeCT: III Congresso Científico Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais - RedeCT. Anais. Barra do Bugres - Unemat
5. Soilo Urupe Chuê	Conflitos e resistências do povo Chiquitano da terra e aldeia Vila Nova Barbecho	2023	Dissertação (mestrado)	Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes.
6. Edmundo Nicolau Chuê Muquissai	Os Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho: raízes, memória, identidade e resistência no espaço-tempo.	2022	Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação - TCC	Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado C*ampus* Universitário Dep. Estadual Rene Barbour Faculdade Indígena intercultural licenciatura intercultural indígena. Barra do Bugres-MT
7. Suzilene Urupe Chuê, Edmundo Nicolau Chuê Muquissai, Gonçalo Arildo Muquiçai Chué, Pedro Célio Tossué Soares	Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano	2022	Livro: Coleção didática saberes indígenas na Escola em Mato Grosso	Cuiabá Rede UFMT - UNEMAT - UFR
8. Maria Siria Rupe	Ensino da língua Chiquitano e o registro de gêneros textuais orais	2022	Dissertação (mestrado)	Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado - *Campus*

				*U*niv. Dep. Est. "Renê Barbour" Programa de pós-graduação em ensino em contexto indígena intercultural PPGECII - Barra do Bugres-MT
9. Suzilene Urupe Chuê; Lori Hack de Jesus	Educação escolar Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho	2021	Artigo	Revista de Comunicação Científica – RCC.
10. Edmundo Nicolau Chuê Muquissai, Marli Auxiliadora de Almeida	Os saberes culturais Chiquitano e a pandemia da covid 19: uma experiência pedagógica na Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio-MT.	2021	Artigo	Anais do V Colóquio Internacional Diálogos Sul-Sul e o II Congresso Internacional de Pesquisa e Práticas em Educação (Conippe) da UFAC/Unesp.
11. Saturnina Urupe Chuê	Espaço da infância na cultura Chiquitano	2017	Artigo	Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 3.
12. Verone Cristina da Silva	Carnaval: alegria dos imortais. Ritual, pessoa e cosmologia entre os Chiquitano no Brasil	2015	Tese de Doutorado	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Paulo.
13. Adriana Nezeir de Almeida	O Chiquitano de Cáceres-MT: contribuições para a constituição da escola como fronteira interétnica e intercultural.	2014	Dissertação (mestrado)	Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação. Cáceres/MT: Unemat.
14. Aloir Pacini	Identidade étnica e território Chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia).	2012	Tese de Doutorado	Departamento de Antropologia do IFCH/UFRGS - Porto Alegre.

Fonte: A autora, 2026.

Comentando sobre os trabalhos encontrados, iniciamos com a publicação de Muquissai (2025), que objetiva contribuir para a retomada cultural e luta pelos direitos originários, e também pela demarcação da terra indígena Chiquitano, na aldeia Vila Nova Barbecho, nas perspectivas do direito originário e constitucional. Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso de Direito, pela Universidade Federal de Mato Grosso, na Faculdade e Curso de Direito.

Os autores Urupe, Muquissai e Muquissai (2024) dão enfoque no tema relacionado ao esporte como espaço estratégico da prática, fortalecimento e difusão da Identidade Cultural Chiquitano por meio da arte e dos grafismos. É um artigo apresentado e publicado nos Anais do V Congresso Científico Internacional sobre Povos e Comunidades Tradicionais da RedeCT, cujo tema é sobre a vivência de jovens Chiquitanos da aldeia Vila Nova Barbecho.

As autoras Chuê e Negreiros (2024) desenvolvem o tema sobre a realidade sociolinguística do povo Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho. O artigo foi publicado

na Revista Taka'a, Barra do Bugres (MT). Mais uma contribuição importante para os Chiquitanos, neste processo de luta pelo fortalecimento linguístico cultural.

Chuê e Leite (2023) apresentam o artigo publicado com enfoque na educação escolar indígena do povo Chiquitano, da aldeia Vila Nova Barbecho, como um processo de luta e resistência. A publicação ocorreu no Anais da RedeCT: III Congresso Científico Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais - RedeCT. Importante destacar que Leite não é indígena Chiquitano, mas contribui para o fomento de publicações de pessoas da aldeia, atitude que dá visibilidade a este tema importante que é a educação.

A publicação de Chuê (2023), "Conflitos e resistências do povo Chiquitano da terra e aldeia Vila Nova Barbecho", é uma Dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes. Uma investigação que deu voz a pessoas da aldeia, além de fazer um estudo aprofundado sobre o povo Chiquitano, cujo objetivo é fortalecer a luta pelos direitos originários dos Chiquitano.

A publicação de Muquissai (2022), "Os Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho: raízes, memória, identidade e resistência no espaço-tempo", evidencia o que se tem nas raízes e regatar o que se perdeu ao longo dos anos. Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação – TCC, pela Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Campus Universitário Dep. Estadual Rene Barbour - Faculdade Indígena Intercultural, Licenciatura Intercultural Indígena. Barra do Bugres - MT. Diante dos desafios, dar voz a pesquisadores de dentro da aldeia é de suma importância.

As escolas Chiquitano tiveram participação na elaboração do livro: Coleção didática saberes indígenas na Escola em Mato Grosso, com participantes ativos: Chuê, Muquissai, Chuê, Soares et. al. (2022): Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano em parceria com a Rede UFMT (Cuiabá) - UNEMAT – UFR. Participação de professores/as e estudantes na elaboração, com temas próprios dos Chiquitano.

Rupe (2022), em sua dissertação de mestrado - Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Campus Univ. Dep. Est. "Renê Barbour", Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural

– PPGECII - Barra do Bugres-MT, desenvolveu o trabalho "Ensino da língua Chiquitano e o registro de gêneros textuais orais". A autora pertence ao povo Chiquitano, porém é da Aldeia Portal do Encantado; ambas as aldeias são do mesmo parentesco, da aldeia Vila Nova Barbecho.

Urupe e Jesus (2021) realizaram uma pesquisa com o seguinte tema: "Educação escolar Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho", cujo resultado foi publicado em forma de artigo, na Revista de Comunicação Científica – RCC.

No período da pandemia, Muquissai e Almeida (2021) produziram um artigo com o título "Os saberes culturais Chiquitano e a pandemia da Covid 19: uma experiência pedagógica na Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio-MT". A publicação se encontra nos Anais do V Colóquio Internacional Diálogos Sul-Sul e também no II Congresso Internacional de Pesquisa e Práticas em Educação (Conippe) da UFAC/Unesp. O estudo teve por objetivo apresentar uma experiência obtida a partir de uma prática pedagógica, realizada com discentes dos anos finais do ensino fundamental, no período de aulas remotas na pandemia da Covid 19, com enfoque nas práticas culturais realizadas durante o isolamento social na Aldeia Vila Nova Barbecho.

Chuê (2017), com o tema "Espaço da infância na cultura Chiquitano", elaborou o artigo, publicado na Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 3. 2017, cujo objetivo foi discutir a relação espaço/infância, mostrando as transformações sofridas na comunidade em razão da condição atual de redução da área indígena. Analisou-se as modificações que vem ocorrendo na vida da atual geração, principalmente, na vida das crianças no que diz respeito ao uso do espaço geográfico. A autora percebeu a ausência de liberdade para usufruir deste espaço de forma sustentável, consciente e respeitável, considerando seu valor na vida da aldeia.

Silva (2015), não Chiquitano, mas com autorização da comunidade da aldeia Vila Nova Barbecho, realizou a pesquisa sobre "Carnaval: alegria dos imortais. Ritual, pessoa e cosmologia entre os Chiquitano no Brasil", cuja publicação se refere à sua Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. A autora vivenciou muitos momentos dos rituais que acontecem na aldeia com o intuito de compreender melhor essa manifestação do povo Chiquitano.

De autoria não Chiquitano, mas com autorização desse povo, Almeida (2014) realizou sua dissertação de mestrado com o tema: “O Chiquitano de Cáceres-MT: contribuições para a constituição da escola como fronteira interétnica e intercultural”, Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação - Cáceres/MT. Cabe ressaltar que os Chiquitano aceitam que se realizem pesquisas por não indígenas por compreenderem a sua importância para a aldeia, mediante autorização, com vistas à visibilidade cultural desse povo**.**

Outro estudo encontrado é o de Pacini (2012), cujo título é “Identidade étnica e território Chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)”. Trata-se da Tese de Doutorado, defendida no Departamento de Antropologia do IFCH/UFRGS - Porto Alegre. Esse pesquisador foi um dos primeiros a receber autorização do povo Chiquitano do Brasil e Bolívia.

Foram encontradas, ainda, duas referências relacionadas diretamente ao assunto abordado, ou seja, os trançados com palmeiras indaiá e acuri, sendo os autores Chiquitanos pertencentes à aldeia Vila Nova Barbecho. No Quadro 02, estão destacados os estudos publicados sobre esses trançados.

Quadro 02. Estudos publicados sobre os trançados Chiquitano com folhas de indaiá e acuri

AUTOR/ES	TÍTULO	ANO	MODALIDADE	INSTITUIÇÃO
1. Luiz Ribeiro Pinto; Edmundo Nicolau Chuê Muquissai	A importância do indaiá para o povo Chiquitano	2022	Artigo	I - Olimpíada Nacional Científica de povos tradicionais, quilombola e indígena: a transversalidade da ciência, tecnologia e inovações para o planeta – UNEMAT. Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado”.
2. Adelaide Aparecida Chuê Urupe	A Arte do trançado do artesanato Chiquitano	2016	Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação - TCC	Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” - Unemat Campus Universitário Dep. Renê Barbour – FAINDI - Licenciatura Intercultural Indígena. Barra do Bugres

Fonte: A autora, 2026.

Ainda como estudante do 3° ano do ensino médio, Pinto (2022), juntamente com seu professor Muquissai (2022), desenvolveu o estudo sobre o indaiá com o tema “A importância do indaiá para o povo Chiquitano”. O artigo foi apresentado e publicado na I - Olimpíada Nacional Cientifica de povos tradicionais, quilombola e indígena, “a transversalidade da ciência, tecnologia e inovações para o planeta - Universidade do

Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” - UNEMAT. Nesse trabalho foi descrita a palmeira indaiá e demostradas as possíveis utilidades da palha, tais como trançados, baquités, banico e, também, o uso do trançado na cobertura das casas.

A segunda publicação encontrada, um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação – TCC, de Urupe (2016) se refere à “Arte do trançado do artesanato Chiquitano - Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” - Unemat - Campus Universitário Dep. Renê Barbour – FAINDI - Licenciatura Intercultural Indígena. Barra do Bugres. Segundo a autora,

> O povo Chiquitano confeccionava e ainda confeccionamos vários tipos de artesanatos trançados para serem utilizados no cotidiano do povo e para suprir as necessidades da família. Cada artesanato tem sua maneira de ser confeccionado. Alguns são feitos tanto pelo homem como pela mulher. As crianças aprendem com seus pais, avós, tios e comunidade a confeccionar esses artesanatos. Existem artesanatos que são feitos de palha, broto de indaiá, babaçu e acuri, e outros de tala de buriti. Dessa maneira, o artesanato Chiquitano é passado de geração em geração, mantendo a arte e a cultura do povo (Urupe, 2016, p. 40).

Neste estudo, anteriormente apresentado, eu me detive apenas em autores Chiquitano e em autores que foram autorizados pelos Chiquitano a realizarem pesquisa. Após concluídos, os resultados foram apresentados para a comunidade que compreendeu que esses estudos contribuem sobremaneira para o fortalecimento da cultura Chiquitano.

4.1 Local da pesquisa: Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio - Aldeia Vila Nova Barbecho

O prédio que é utilizado como escola é uma casa multiuso da comunidade, porém, atualmente, está sendo usada exclusivamente como prédio para a escola. É um ponto de referência da aldeia Vila Nova Barbecho, um local simples, que dispõe de espaços organizados para que aconteçam as aulas. Nossa comunidade busca sempre por melhorias deste espaço para acomodar os estudantes e demais profissionais que aqui passam o dia desenvolvendo o trabalho educativo.

Nas imagens 14 e 15, a seguir, vista de dois ângulos, parte da frente do prédio no momento atual. Nas laterais estão plantadas flores ornamentais e gramas, porém as gramas apresentam dificuldades de permanecer verdes devido ao sol forte na maior parte do ano. É uma situação inevitável.

Figura 14 - Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio



Fonte: A autora, 2025

Na figura 14, a seguir, é mostrada a lateral direita da escola, com algumas plantas ao seu redor, que são cuidadas pelos estudantes, professores e demais profissionais da escola. Como mencionado anteriormente, o sol forte dificulta a manutenção das plantas ao redor da escola e no pátio do prédio. Existem também outras árvores nativas que estão crescendo no pátio da escola e que são de muita importância pois contribuem com sombras necessárias para nosso ambiente, podendo assim minimizar o calor intenso no espaço.

Figura 15 - Visão da parte lateral direita da escola



Fonte: A autora, 2025.

A escola foi uma grande conquista dentro da nossa aldeia. Ela surgiu como anexa da Escola Estadual Indígena Chiquitano Portal do Encantado, no ano de 2007, para atender

estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, e continuou até o ano de 2009. Foi criada independentemente, em março de 2010, conforme o PPP (2024, p. 01)

> A Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio está localizada na Aldeia Indígena Vila Nova Barbecho, a 110 Km da sede do município de Porto Esperidião-MT, CEP 78.240-000 Email: escola.154989@edu.mt.gov.br, iniciou como extensão/anexa da E.E.I. Chiquitano da Terra Indígena Chiquitano Portal do Encantado em 2007 e permaneceu até o final do ano de 2009, foi criada pelo Decreto N.º 1878, publicado no Diário Oficial de 26 de março de 2009 página 01, porém a escola José Turíbio só iniciou suas atividades pedagógicas de maneira independente no início do ano de 2010. Foi Credenciada pelo Ato nº 35/2015/CEE-MT, publicado no Diário Oficial do estado de Mato Grosso em 23 de março de 2015, página 25. Está autorizada pelo ato nº 755/2019/CEE/MT, publicado no Diário Oficial do estado de Mato Grosso em 13 de janeiro de 2020, página 18. A Denominação da escola é em homenagem a um antigo pajé, artesão e rezador no seu dialeto Chiquitano, Sr. José Turíbio, que foi muito respeitado e admirado pelo seu trabalho e de grande referência pelos Chiquitano desta região.

A escola trabalha em parceria com a comunidade, conforme especificidade do povo, e após essa conquista da criação da escola dentro da nossa aldeia, já foram fortalecidos muitos saberes culturais, e "Através da escola, já foram fortalecidos muitos saberes do povo da aldeia, como também os costumes e ritos culturais estão sendo resgatados com os trabalhos específicos e diferenciados que foram inseridos no PPP da escola" (Chuê, 2022, p. 25).

Nosso desejo é de algum dia atingir o ideal de ter uma escola que trabalhe dentro da pedagogia Chiquitano, que seja uma forma própria de educar baseada nos saberes tradicionais, valores, cultura, língua, espiritualidade e modos de vida do povo indígena Chiquitano. Não se tratando apenas de ensinar conteúdos escolares, mas de compreender que a aprendizagem acontece na convivência com a comunidade, com os mais velhos, com a natureza, com o trabalho coletivo e com as tradições culturais. Nessa perspectiva, a educação Chiquitano valoriza:

- os conhecimentos tradicionais transmitidos pelos anciãos;
- o aprendizado por meio da prática e da observação;
- a oralidade como forma de ensinar histórias, memórias e ensinamentos;
- os saberes sobre a terra, plantas, rios, artesanato e espiritualidade;
- a coletividade e o respeito à comunidade;
- a identidade cultural e a preservação da língua e das tradições, ritos.

Assim, a pedagogia Chiquitano pode ser entendida como uma educação transdisciplinar e comunitária, construída a partir da realidade e dos conhecimentos do

próprio povo Chiquitano, integrando os saberes tradicionais aos conhecimentos escolares ocidentais.

Sonhamos por essa conquista, em ter a escola e organizá-la de maneira específica e diferenciada, dentro da pedagogia Chiquitano, conforme acima citado. Até o momento, temos integrados componentes curriculares na área de Ciências e saberes indígenas, com as seguintes denominações: Práticas Culturais, Práticas Agroecológicas, Tecnologias Indígenas e Língua Materna Chiquitano. São disciplinas do currículo escolar que procuram trabalhar de maneira mais diferenciada do que outros aspectos da nossa cultura, os nossos saberes com a terra, o artesanato, a alimentação, os cantos e as danças.

A forma com que a escola tem buscado se organizar e trabalhar a identidade cultural Chiquitano é um jeito de trazer os nossos saberes dentro do currículo e, assim, produzir uma escola decolonial e emancipatória, assim como menciona Franco (2016, p. 540).

> [...] conscientes de seu papel na conformação e na transformação da realidade sócio-histórica, pressupondo sempre uma ação coletiva, ideologicamente constituída, por meio da qual cada sujeito toma consciência do que é possível e necessário, a cada um, na formação e no controle da constituição do modo coletivo de vida. É uma tarefa política, social e emancipatória. A formação humana é valorizada no sentido das condições de superação da opressão, submissão e alienação, do ponto de vista histórico, cultural ou político. Considere-se que a proposta de projetos político-pedagógicos, como organizadores da esfera pedagógica da escola, parte dessa perspectiva teórica.

A Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turibio conta com uma equipe de 12 profissionais, sendo eles professores e demais profissionais de apoio: seis professores, uma diretora, um TAE, dois profissionais de apoio da higienização, dois profissionais de apoio da merenda escolar.

As turmas são desde o 1° ano fundamental ao 3° ano do ensino médio e EJA, nos turnos manhã e tarde. Sete estudantes da turma do 1° ao 3°ano, um professor e duas anciãs da aldeia participaram desta pesquisa.

Como instrumento de produção de dados, utilizou-se: observação participante, entrevistas contendo perguntas semiestruturadas, registro fotográfico, diário de campo, gravações em áudios, posteriormente, transcritas, além dos procedimentos realizados nas

oficinas de trançados com os brotos de indaiá e acuri. E mais, acompanhamento das aulas e realização de desenhos em sala de aula com os estudantes, rodas de conversas com as anciãs da aldeia, tudo isso observando-se os aspectos éticos, tais como: consentimento da comunidade, respeito ao saber tradicional, e o compromisso de fazer a devolutiva dos resultados após a conclusão do mestrado. Nesse sentido, e de acordo com Ferreira e Cruz (2021):

> Viver a pesquisa no curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural requer compromisso com a produção de novos conhecimentos, um compromisso que não é apenas do(a) acadêmico(a) para com a universidade, mas um compromisso com a comunidade, com o seu povo, a partir da sua autoria. Nessa perspectiva, o(a) estudante indígena é o(a) intelectual do contexto acadêmico (Ferreira e Cruz, 2021. p. 17).

Estou ciente deste compromisso com minha comunidade. O aprendizado é meu, porém é em vista de uma causa maior: a educação de nossos estudantes.

4.2 Prática pedagógica Chiquitano sobre as palmeiras indaiá e acuri no contexto escolar

Práticas pedagógicas Chiquitano são elementos de práticas culturais ou interculturais, fundamentadas nos conhecimentos dos nossos anciãos e anciãs, tendo como objetivo principal trabalhar o ensino e a aprendizagem de maneira coletiva. Estas práticas são feitas em atividades trabalhadas na oralidade, com escuta, argumentações, reflexões e pensamento crítico, visando uma construção de educação concretizada na coletividade. Pode ser fundamentada em referências e citações de autores Chiquitano e outros autores de trabalhos já publicados sobre os trançados.

Aqui trabalhei uma prática pedagógica com meus estudantes. Nesta prática, eu os levei para dialogarmos com duas anciãs e um professor, os quais nos explicaram o conhecimento que elas/ele possuem sobre as palmeiras indaiá e acuri, a sua utilidade e importância. A professora e os estudantes ouviram atentamente o relato de histórias dessas palmeiras, que são dois tipos de pés de coqueiros. Houve permissão das anciãs e do professor para que a professora fizesse gravações de áudios, os quais foram transcritos posteriormente.

Assim, o meu primeiro contato foi com a anciã Feliciana Dilma Pinto, a qual aceitou voluntariamente fazer parte da minha pesquisa e conceder uma entrevista, juntamente com a minha turma de estudantes.

Como combinado, fomos até sua casa, onde nos acolheu em sua sala. Era um dia bonito, ensolarado, com som da natureza, galos cantando, passarinhos nas árvores cantavam alegres, fazendo parte da sinfonia natural. Essa imagem 16, nos ajuda a perceber o momento de escuta atenta dos estudantes, sentados à frente da anciã, que se colocava na posição de quem ensina com autonomia.

Figura 16 - Anciã Feliciana Dilma falando sobre as palmeiras



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

A imagem acima mostra o diálogo da anciã Feliciana Dilma com os estudantes sobre a experiência dela com o trançado, conhecimento ancestral que está sendo transmitido de forma oral aos estudantes. Nesse ambiente onde aconteceu o diálogo é a sala da casa da anciã, e é importante destacar que na Aldeia Vila Nova Barbecho os Chiquitanos praticam a religião católica, é comum nas famílias existirem altares com diversas imagens de santos por serem católicos. Apenas por curiosidade, os nomes dos santos que aparecem no altar da senhora Dilma: Nossa Senhora de Fátima, São Pedro, entre outras imagens devocionais da família.

Foram realizadas algumas perguntas para melhor conduzir a conversa/entrevista. Na sequência, deixamos a entrevistada falar da maneira como quisesse, pois o meu desejo era dar voz às pessoas conhecedoras de técnicas e usos da palmeira acuri e indaiá, desde sua infância, transmitindo este conhecimento com segurança.

A segunda entrevista foi realizada na casa da anciã Elena Laura Chue, da mesma forma, ela nos acolheu, e quando chegamos, já estava nos aguardando para este momento

de entrevista. Recebeu-nos na sala de sua casa, o dia estava maravilhoso, sol forte, um ambiente tranquilo e acolhedor, e da mesma forma que a anciã Elena, ela se colocou na frente dos estudantes, sentada em uma cadeira, disposta a passar o conhecimento para a turma, que atentamente a ouviu, tendo os seus olhares bem fixos. Na figura 17, a anciã Elena dando entrevista sobre as palmeiras.

Figura 17 - Anciã Elena em entrevista sobre as palmeiras



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

As mesmas perguntas foram feitas para a senhora Elena sobre o uso das palmeiras acuri e indaiá. Importante ressaltar que Elena é uma artesã da aldeia que domina muitas técnicas do trançado, além do uso do acuri e indaiá, utiliza o buriti e a taquara, para confecção de artesanatos, é uma liderança na comunidade.

Foram momentos de muito aprendizado com as nossas anciãs. As crianças ficaram encantadas com cada ensinamento, e isso é muito importante. Na sequência, veremos a entrevista com o professor Edmundo Nicolau Chue Muquissai. Ele domina a técnica do trançado, seja com a palha do acuri, indaiá, buriti, taquara e também argila, colares com sementes, pintura do grafismo Chiquitano corporal. Desde criança aprendeu com seus pais os trançados, sendo que seus pais são artesãos também.

O encontro para a entrevista aconteceu no salão comunitário, mas desta vez o professor Edmundo sentou-se em roda com os estudantes, e foi respondendo as perguntas enquanto os estudantes o ouviam atentamente. Na figura 18, o professor Edmundo dialogando sobre as palmeiras no salão comunitário da aldeia.

Figura 18 – O professor Edmundo dialogando sobre as palmeiras no salão comunitário da aldeia



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Na sequência, as perguntas e respostas do professor Edmundo sobre a entrevista. Com certeza, foi um momento marcante para cada estudante, e assim vão fortalecendo o conhecimento de técnicas culturais.

Após as entrevistas com as anciãs e o professor, as alunas do 5º ano fizeram anotações no caderno, e com o conhecimento adquirido na fala das anciãs, organizaram um texto ilustrado sobre as palmeiras, sua importância e utilidade para o povo.

Já aos estudantes do 1º, 2º e 3º ano ouviram atentamente os entrevistados, e com ajuda da professora, produziram desenhos das palmeiras. Essas atividades foram feitas conforme o entendimento adquirido no diálogo com as anciãs e o professor.

Houve muita interação e diálogo entre os estudantes, professora, anciãs e professor. Elas/ele explicaram seus conhecimentos sobre essas palmeiras, sua utilidade, benefício e sustentabilidade. Os estudantes escutaram, observaram e aprenderam sobre a diferença entre o coqueiro indaiá e o coqueiro acuri, o tempo ou período que podemos fazer coleta dessas matérias-primas para confeccionar os artefatos, e que artesanatos podem ser confeccionados com os brotos dessas palmeiras.

Outro conhecimento adquirido na aprendizagem dos estudantes, ouvindo as anciãs e o professor, foi identificar o quê, além dos trançados dos brotos dessas palmeiras, em que situação o povo Chiquitano as utiliza, incluído a alimentação e saberes geográficos dos lugares nativos dessas palmeiras. Com essas aprendizagens também refletimos: há facilidade em encontrar essas palmeiras no território para trabalhar com os artesanatos?

Foram vários questionamentos com as anciãs e o professor, e esta atividade foi realizada em oito aulas. Com os dados anotados, os estudantes fizeram atividades juntamente com a professora. Os registros dos estudantes foram através do desenho em sala de aula. Foram descritos em texto sobre a solução das questões, seguido de um diálogo reflexivo, abordando as palmeiras e sua utilidade na cultura do povo Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho.

4.3 Aula de campo: conhecendo as plantas palmeiras/coqueiros indaiá e acuri

Após as entrevistas com as anciãs e professor, foi realizada uma aula de campo com os estudantes, um momento de contato com as palmeiras em seu ambiente natural, quando puderam fazer a experiência de ir até a mata onde estavam os pés de indaiá e acuri. Puderam observar as características desde o tronco, folhas, frutos, flores, até os espaços onde nascem cada um deles.

Após retornarem da aula de campo, os estudantes puderam reproduzir seus conhecimentos de maneira criativa através de uma atividade de ilustração das palmeiras com desenhos. Cada um buscou reproduzir seu desenho conforme observou nas palmeiras, momento prazeroso para as crianças, o qual foi registrado através de fotografia.

Conforme as imagens a seguir, foi trabalhada a importância das duas palmeiras para o povo Chiquitano, sendo possível trabalhar, também, o modo como podemos preservá-las em seu ambiente natural, para que possamos tê-las para a produção dos artesanatos.

As crianças foram motivadas a realizarem o desenho de cada palmeira, conforme identificaram suas características. Cada estudante realizou seu desenho no seu tempo e sua criatividade.

Como se pode ver na figura 19 cada aluno realizando seu desenho conforme observaram as palmeiras na aula em campo.

Figura 19 – Estudantes desenham pés de indaiá e acuri



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Conforme as anotações e áudios que foram gravados juntos, e também o conhecimento que a professora já tinha sobre esses recursos naturais, os estudantes puderam entender que as palmeiras indaiá e acuri são plantas de coqueiros muito utilizados na cultura Chiquitano. Sua utilidade vai além do saber fazer os artesanatos dos trançados, tanto dos brotos quanto das folhas que nós, povo Chiquitano, falamos, palha de indaiá e palha de acuri. Essas "palhas" são utilizadas na construção do trançado da cobertura das casas dos Chiquitano, cada um com sua importante utilidade, ou seja, uma possui folhas mais resistentes, e a outra, mais frágeis; mas em nossa cultura, nunca deixarão de ser úteis, cada qual com sua diferença.

O desenvolvimento desta prática pedagógica aconteceu com diálogo, respeito mútuo, compreensão, companheirismo aberto à comunicação, não impondo normas, mas na coletividade, ensinar e aprender livremente para que a construção esteja envolta para o encantamento, com e por nossas confecções culturais, mas sempre respeitando a autonomia do ser educado (Paulo Freire, citado no texto coletivo, turma 2024, PPGECII, p. 7).

> Ao ler, ensinar exige respeito a autonomia do ser do educado, compreendemos na citação de Paulo Freire na página 35 que "Como educador, devo estar

> constantemente advertido com relação a esse respeito que implica igualmente o que devo ser por mim mesmo. [...] O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros." Isso nos ensina que nós professores/as, educadores/as, devemos respeitar a autonomia dos/as alunos/as, seja criança, jovens e adultos. Não podemos bloquear a curiosidade, a vontade de quererem aprender, devemos evitar impor normas ou ordenar, o conhecimento e as ações não devem ser feitos apenas do nosso jeito, pensando que sabemos tudo. Mas precisamos estar abertos ao diálogo, respeitando a autonomia de cada estudante, dando liberdade para que eles possam propor suas ideias, sugestões e conhecimentos para a construção de aprendizagem coletiva (Chuê, 2024).

Ao produzirem outros desenhos das palmeiras acuri e indaiá, os estudantes estiveram atentos aos detalhes e, em suas representações, conseguiram reproduzir partes da palmeira que consideraram muito importantes, como cacho do coco, flores, caule, folhas e flores, como visto na figura 20.

Figura 20 – Desenhos dos estudantes representando partes que compõem as palmeiras



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A seguir, o ensino e a aprendizagem acontecendo na prática, através da oficina do trançado no ambiente escolar, com participação dos professores, anciãos e estudantes.

4.4 O ensino e a aprendizagem na prática: a oficina de trançado

Esta prática de trançado foi feita na Escola Estadual Indígena José Turíbio, no dia 08 de setembro. A professora e os estudantes dos anos iniciais saíram para uma aula de campo à procura dos brotos de indaiá e acuri. E no dia 09 de setembro, foi realizada a oficina de trançado. A anciã Feliciana Dilma Pinto Ribeiro, o professor Edmundo Nicolau Chue Muquissai e a senhora Elena Laura Chuê, através de um convite feito pela professora, foram à escola ensinar os estudantes a confecção de artesanatos, na prática do trançado.

Na oficina do trançado, eles ensinaram os estudantes a confecção do banico, do baquité e de alguns enfeites tradicionais, tais como: sanfoninha, cobrinha e rosas. Estudantes do ensino médio que estudam no período matutino também participaram da oficina de trançado. Com duração de cinco aulas, das 07h30 às 11:40, a oficina constituiu-se em um momento no qual os estudantes aprenderam com a anciã e o professor, e também com apoio da professora, que já sabia como fazer o trançado, a confeccionar o artesanato com os brotos de indaiá e acuri.

Os estudantes aprenderam muito com essa prática, e vale ressaltar que, através da escola, já foram revitalizados e fortalecidos muitos valores culturais do nosso povo, o que está em consonância ao RCNEI (Brasil, 1998, p. 11),

> abre-se aos povos indígenas a perspectiva de afirmação e reafirmação de seus valores culturais, línguas, tradições e crenças. O Estado deve não mais garantir a existência (transitória) das populações indígenas, e sim contribuir eficazmente para a reafirmação e valorização de suas culturas e línguas.

Assim, esses trançados são objetos que contextualizam o processo do ensino e promovem uma aprendizagem com referências culturais, permitindo que os estudantes encontrem sentido e significado.

4.5 Dia de oficina dos trançados com os brotos

A oficina foi realizada com a anciã Elena Laura Chue, e os brotos das palmeiras foram coletados na mata para confecção dos artesanatos. Alguns estudantes observavam atentamente enquanto outros já iniciavam seus trançados, e é nesses momentos que o ensinamento é passado com muita dedicação, pois é uma responsabilidade com os mais novos para que, posteriormente, eles possam ensinar também.

É um conhecimento que é passado de geração em geração como fortalecimento cultural. A oficina foi registrada em imagens, e na figura 21, a seguir, a anciã Elena Laura Chue ensinando os estudantes a fazerem trançado com broto de indaiá; os estudantes observam atentamente.

Figura 21 – A anciã Elena ensinando os estudantes a fazerem trançado com broto de indaiá



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A figura 22 a seguir mostra a oficina ministrada pela anciã Feliciana Dilma Pinto, a qual está ensinando os estudantes em sala de aula a confeccionar os banicos, utilizando o broto de indaiá. O estudante que aparece na imagem à sua frente é seu próprio filho; ao seu lado está seu sobrinho; na ponta da mesa está sua neta.

Figura 22 – A anciã Feliciana Dilma na oficina do trançado



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

O professor Edmundo Nicolau Muquissai Chuê também participou da oficina ensinando os estudantes o que ele sabia fazer com muita precisão. É um artesão que domina várias técnicas do trançado, seja com os brotos de indaiá e acuri, buriti, além da confecção de artesanato com argila e sementes. Na figura 23, o professor Edmundo ensinando a estudante a trançar abanador com o broto de indaiá. São técnicas que contribuem com a motricidade dos estudantes, pois desde pequenos podem participar no aprendizado do trançado.

Figura 23 – O professor Edmundo ensinando a técnica do trançado do abanador



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A oficina possibilitou aos estudantes aprenderem vários tipos de trançados, entre eles, a sanfoninha, que serve de brinquedo para as crianças e também pode ser usada como um leque para abanar no calor e para abanar o fogo. Na figura 24, os estudantes com seus trabalhos prontos e semiprontos, sanfoninhas e três tipos de abanador.

Figura 24 – Estudantes com seus trançados



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Os acabamentos do trançado também são muito importantes, e os estudantes se dedicaram em realizar o acabamento com perfeição, como podemos ver na figura a seguir. Percebi que os estudantes se sentiram realizados quando conseguiram desenvolver a técnica do trançado do início ao fim de um objeto. Na figura 25, a aluna está praticando o trançado em sala de aula na oficina, realizando o seu acabamento com perfeição.

Figura 25 – A estudante fazendo o trançado



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A oficina proporcionou o aprendizado de maneira transdisciplinar, pois é possível os estudantes aprenderem de maneira integrada na prática a Matemática, por exemplo. Porém, nem sempre é dado o enfoque necessário, uma vez que o ensinamento é feito por pessoas anciãs da comunidade; já a participação do educador no momento das oficinas contribuiu para fazer a confecção entre saberes tradicionais e as disciplinas curriculares.

No momento da prática, as crianças aprendem contar, dividindo as folhas sem a pretensão de nomear o que está sendo ensinado, pois os anciãos não possuem a reponsabilidade em fazer essa divisão, a preocupação é a transmissão do conhecimento ancestral; na quantificação das folhas que serão utilizadas, considera-se a quantidade de folhas de um lado para o outro, a ponto de formar o trançado.

Na figura 26, a estudante praticando a técnica do trançado em broto de indaiá no ambiente escolar.

Figura 26 – A estudante realizando o trançado abanador

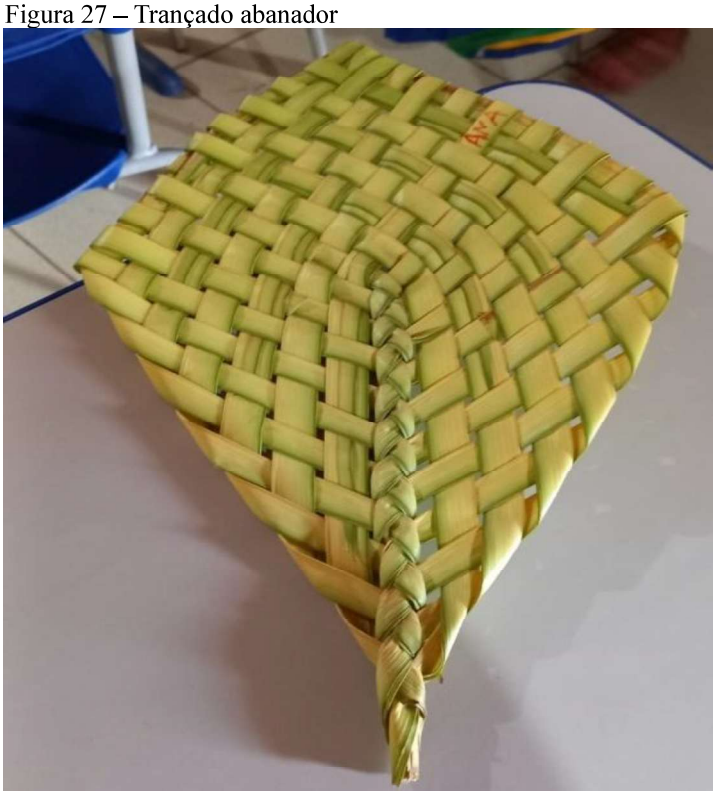


Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Para nós, indígenas Chiquitano, os trançados têm sua utilidade no dia a dia, podendo ser de um simples brinquedo para as crianças a um abanador utilizado na cozinha para acender o fogo. São também utilizados como objetos de ornamentação em momentos celebrativos na aldeia, e atualmente podem ser comercializados para ornamentação de ambientes, pois têm sua beleza natural.

Na figura 27, um abanador pronto em formato diferente do anterior já demostrado;

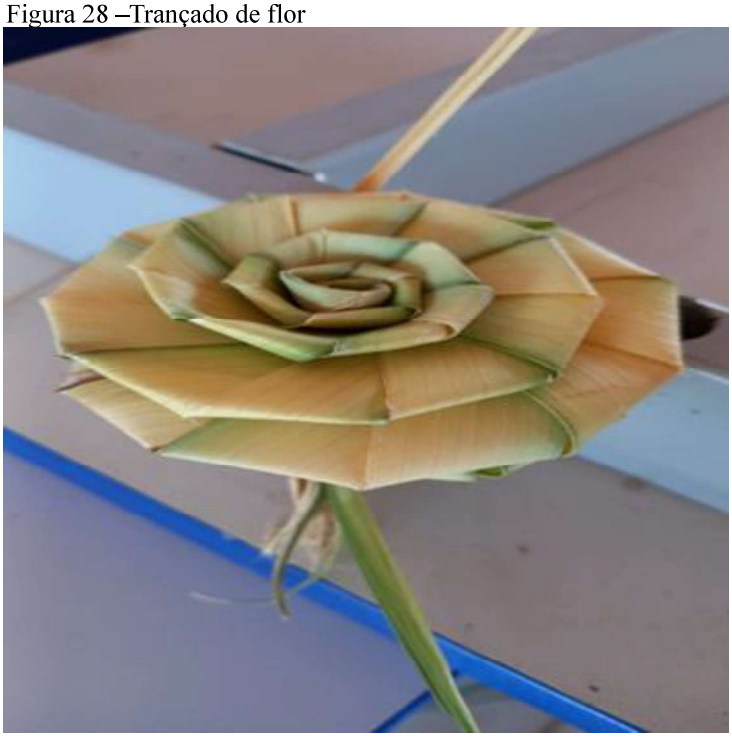
Figura 27 – Trançado abanador



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Na figura 28 mostra uma flor confeccionada com folha de indaiá. Ambos os objetos foram feitos por estudantes no momento da oficina.

Figura 28 –Trançado de flor



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Poder contemplar os trabalhos prontos é prazeroso, tanto para os estudantes, que confeccionaram os trançados, para os oficineiros, que estão contribuindo com o aprendizado dos estudantes, para os professores, que acompanham cada passo do processo de aprendizado dos estudantes, como para mim, pesquisadora e professora. Na exposição na mesa podemos ver diferentes formatos de abanador, sanfoninha e esteira, ainda por terminar. As figuras 29 e 30 apresentam o resultado do aprendizado do trançado com a participação de estudantes, professores e oficineiros. Momentos como estes são praticados nas disciplinas de ciências e práticas culturais Chiquitano.

Muitas vezes, o que dificulta tais práticas é a escassez de materiais dentro do espaço da aldeia. A matéria-prima está cada vez mais difícil, e o pouco que resta é destruído pelo gado dos fazendeiros, que não se importam com o meio ambiente, tampouco com a preservação da cultura indígena. A mata é destruída constantemente.

Essas preocupações com questões ambientais são trabalhadas com os estudantes. Desde pequenos eles aprendem que destruir a natureza é agredir nossa própria história, a natureza merece respeito, deve ser cuidado, ela nos oferece tudo que necessitamos, mas que pode chegar à escassez quando não é cuidada, preservada, pois dela se extrai somente o que é necessário. Eles são ensinados que a violência praticada pelos fazendeiros é uma agressão ambiental e cultural, é uma violência, violação de direitos, depredação da vida.

Figura 29 – Trançados confeccionados



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Na figura acima, podemos ver o momento de exposição dos objetos confeccionados pelos estudantes, com a presença da anciã Feliciana Dilma, os professores Edmundo e Gonçalo, além de estudantes de turmas diferentes. É importante ressaltar que Feliciana Dilma é mãe de estudante, e ela mesma concluiu o ensino médio na escola da aldeia na turma do EJA. Na figura 30, o resultado da oficina.

Figura 30 – Resultado da oficina – Estudantes, professores e a anciã Feliciana Dilma



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Foi um momento muito satisfatório de finalização da oficina no ambiente da escola, com resultados maravilhosos dos trançados com os estudantes.

5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA SOB MEU OLHAR

A pratica pedagógica foi pensada por mim enquanto pesquisadora in loco, conheço a realidade e senti necessidade de uma prática que fosse integrada escola e comunidade, esta pratica pedagógica foi desenvolvida e conduzida por mim a partir de uma perspectiva participativa e dialógica, respeitando os saberes e as formas de organização da comunidade Chiquitano com a participação ativa de duas anciãs e um educador.

Metodologicamente, o percurso iniciou-se com a definição dos espaços de pesquisa que foi a minha aldeia e seu em entorno, escolhidos em comum acordo com os participantes, priorizando locais que proporcionassem conforto e favorecessem o diálogo, como o salão comunitário e as residências das entrevistadas.

As entrevistas ocorreram de forma dialogada, permitindo que os participantes compartilhassem suas experiências e que os alunos pudessem compreender, memórias e conhecimentos relacionados ao trançado tradicional com brotos de indaiá e acuri.

Paralelamente, realizei observações juntamente com os alunos em campo, observando as palmeiras de indaiá e acuri em seu habitat natural, buscando compreender não apenas suas características, mas também a relação cultural, ambiental e espiritual estabelecida pelo meu povo Chiquitano com esses recursos naturais.

Já no ambiente escolar, a prática pedagógica ganhou significado por meio da realização da oficina do trançado com os alunos da Escola Estadual Indígena José Turíbio. O tema do trançado foi trabalhado de maneira transdiscisciplinar, valorizando os conhecimentos tradicionais transmitidos pelos mais velhos e articulando-os ao processo de ensino e aprendizagem.

Durante a oficina, os estudantes participaram ativamente de todas as etapas, desde o reconhecimento das matérias-primas, coleta do broto até a confecção das peças, vivenciando experiências que fortaleceram a nossa identidade cultural e o sentimento de pertencimento ao povo Chiquitano. Sob meu olhar, essa prática evidenciou que a aprendizagem se torna mais significativa quando dialoga com a realidade dos estudantes, respeitando seus conhecimentos ancestrais e promovendo a escola como um espaço de valorização, preservação e continuidade da cultura indígena Chiquitano.

Ao analisar os resultados da pesquisa realizada posso dizer que foram satisfatórios, levando-se em consideração todo o percurso. As pessoas que participaram, voluntariamente, compreenderam a importância deste estudo, ou seja, o trançado com broto de indaiá e acuri, e sua integração no ambiente escolar, o que contribuiu para o fortalecimento cultural do povo Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho.

O tipo de pesquisa adotado foi favorável ao que se buscava pesquisar, possibilitando o contato direto com a escola, comunidade, estudantes, voluntários, anciãs e professor. Inicialmente trouxe autores Chiquitano estão separadamente conforme os artigos publicados, porém em destaque apenas os autores Chiquitano, vale ressaltar que temos autores que estão juntos com os autores Chiquinanos por ser autores junto com o autor Chiquitano, 1. Silvano Chuê Muquissai; 2. Lídia Urupê Chuê; Edmundo Nicolau Chuê Muquissai; Leiliane Chuê Muquissai; 3. Suzilene Urupe Chuê; Cláudia Landin Negreiros; 4. Saturnina Urupe Chuê; Lucia Helena Alvarez Leite; 5. Soilo Urupe Chuê; 6. Edmundo Nicolau Chuê Muquissai; 7. Suzilene Urupe Chuê, Edmundo Nicolau Chuê Muquissai, Gonçalo Arildo Muquiçai Chué, Pedro Célio Tossué Soares; 8. Maria Siria Rupe; 9. Suzilene Urupe Chuê; Lori Hack de Jesus; 10. Edmundo Nicolau Chuê Muquissai, Marli Auxiliadora de Almeida; 11. Saturnina Urupe Chuê; 12. Luiz Ribeiro Pinto; Edmundo Nicolau Chuê Muquissai; 13. Adelaide Aparecida Chuê Urupe, e pesquisadores que tiveram autorização para realizarem pesquisa na aldeia Vila Nova Barbecho, e com o povo Chiquitano em outras aldeias são eles: Aloir Pacini, Verone Cristina da Silva, Adriana Nezeir de Almeida.

Foram encontradas 16 referências, sendo artigos, livro, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dissertação de mestrado, tese de doutorado; três autores não Chiquitanos, mas autorizados pela comunidade da aldeia Vila Nova Barbecho para empreenderem as pesquisas; os demais autores possuem o mesmo parentesco e pertencem ao mesmo povo Chiquitano.

O local, a Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turibio, sempre esteve aberta a contribuir para que a pesquisa fosse realizada, em parceria com os estudantes e professores, pois compreendeu que este trabalho se desenvolveu teoricamente, e também na prática, atividades relacionadas às práticas culturais Chiquitano.

Ao avaliar a prática pedagógica no ambiente escolar, notou-se que houve grande interesse por parte dos estudantes do 1° ao 5° ano. No momento das entrevistas, estavam atentos ao que as anciãs Feliciana Dilma, Elena Laura e o professor Edmundo falavam.

Na sequência, a transcrição das entrevistas. Destaco aqui as entrevistas de maneira literal para melhor dar visibilidade nas respostas das pessoas que contribuíram de forma voluntária, dialogando com os estudantes sobre como foram seus aprendizados e experiências com o trançado de acuri e indaiá. Em destaque as perguntas norteadoras da entrevista, e respostas dos Entrevistadas/o (01) - (02) - (03).

01) Fale um pouco sobre a sua experiência na prática dos trançados com broto e folha de indaiá e acuri.

Entrevistada 1 - Feliciana Dilma Pinto (2025). Esse aí é um de nossos trabalhos, me criei vendo, que meu pai me ensinava faze, por que era o melhor pra gente, hoje em dia não, nossos que era pra nós usar, não usa mais, mas esse daí nós não podemos parar de usar esse daí é nosso trabalho. Esse é nossa cultura não podemos deixar, temos sempre que manter essa nossa cultura. Eu memo faz falta eu fazer o baquité o banico, mas não temos as plantações na nossa aldeia está muito longe, mas não deixamos, temos que procurar para fazer. Nós não podemos deixar essa nossa cultura esse baquité. O que nós mais usava, nossos pais, nossos avós era só baquité para todo as coisas ele prestava, guardava prato baquité, colher guardava baquité é o que mais precisava não tinha prateleira. Até avós faziam baquité grande e guardava roupa dentro do baquité, era muito valorizado o baquité tanto da folha de indaiá como de folha de bacuri. Os artesanatos de broto de indaiá e acuri eram muito utilizados para guardar as coisas na casa, na festa não levava não era só na casa mesmo que era na roça e para guardar as coisas na casa, porque assim primeiro não tinha a gente levar as coisas na festa. Então é isso a gente usava mais em casa, que eu falo hoje em dia não tem né se não tem a mochila se não quer dentro do armário senão você não numa coisa não guarda nada, de primeiro a gente ia pescar assava colocava tudo no baquité bem guardado pendurado. Tudo era no baquité e hoje em dia a gente não pode guardar nada no baquité, a gente ia na roça, tinha de todo tamanho os baquités por exemplo como para mim já era bem pequeno, já para as mais grande que era mais grande os baquités, panhava de tudo era só nesse mamão, mandioca, banana, batata, cará, abacaxi, milho, tudo no baquite não tinha saco. Tudo era guardado no baquitezinho, muitas coisas pra mim colocar isqueiro, sabão, sabonete, e muitas coisas pra mim colocar

no baquite por isso não deixo de usar, só quando eu saio né, já tem outra de bolsa, mas dentro da casa eu uso ele.

Entrevistada 2 - Elena Laura Chué (2025). Eu vou falar sobre o Indaiá e vocês que são crianças prestar atenção para aprender, pois hoje em dia quase não se vê vocês sabem o qual é o Indaiá o Indaiá é aquele dali que tem ali embaixo aquele dali. Aquele de lá aquele dali. Esses são Indaiá esses Indaiá ele é bom a palha dele para fazer só antigamente as pessoas só faziam casas com as folhas deles eram trançados na taboca. Uma casa bem feito de Indaiá e tirando a palha no tempo certo pois ele tem o tempo certo em Maio em junho a palha está maduro não está verde está bem maduro quando a palha está maduro ele dura em torno de 30 anos antigamente era difícil fazer as casas de acuri porque tinha bastante Indaiá E aí o Indaiá tanto Sérvia folha para fazer as casas como os brotos servem para fazer bactéria abanador Chapeuzinho Você sabem o qual é o chapeuzinho vocês tem que me dizer se sabe ou não. Aquele que faz para pôr na cabeça agora as pessoas não sabem fazer fazem só esse ali antes era chapéu mesmo com abinha e tudo. De primeiro tinha bastante pé de Indaiá, de primeiro era tupido igual vocês estão vendo aí aqui nesse cerrado era só pé de indaiá no meio do capim era tupido de indaiá. Depois que chegaram os brancos onde nós moramos, agora que nós precisamos, os fazendeiros eles desmataram tudo passou corrente e derrubou tudo até as árvores aqui não era igual agora como tá limpo era igual onde nunca foi quebrado mas quebraram tudo as árvores e os pés de Indaiá e depois ajuntaram e fizeram o pavio que eles chamam e juntaram tudo juntaram até as raízes deles e gradearam tudo aí as Palhas Que nós tínhamos que eram para remédio ali no Meio do Cerrado tinha muita fruteiras mangava porque canjiqueira Araticum dava de torcida ele dá até dessa altura os pezinhos Mas dava bastante fruto você já viram o fruto dessa planta ali desse que tem ali ele dá igual ata fruta do conde não tem mais tá muito difícil tem alguns que ainda acha por aí então não tem como falar que tem bastante por isso agora na nossa aldeia nunca ninguém pensava fazer casa como esse dali como a escola como casa de Mauro como casa de Nicolau ninguém sabia que ia fazer pois as casas eram tudo de palha. Barroteavam com pau, com taquara, amarravam e depois fazer um barro e barreava, esse dali ainda é assim só a palha é de acuri de primeiro as pessoas caprichavam.

Entrevistado 03 Edmundo Nicolau Chuê Muquissai (2025) Primeiramente quero agradecer por essa oportunidade e pela confiança que você teve em trazer os alunos para conversar comigo Fico muito feliz por ver eles aqui eu também já fui como cada um de

vocês aqui eu gostava de brincar de correr de gritar assim como vocês gostam de fazer isso também só que eu sempre observava o que os meus pais faziam pois eles faziam bastante trançado bastante abanador, baquité apá, cestinha quando eu estava no tamanho de vocês eu já via eles fazerem tudo isso E aí eu sempre gostava de ficar olhando para eu aprender também por isso que hoje eu sei transar vários artesanatos que são feitos de trançados de palha. O trançado do abanador teve uma vez que eu fiz com meu pai eu ainda não sabia porque eu era pequeno do tamanho de vocês eu ainda não sabia trançar, aí ele pegou para me ensinar aí a gente fez no primeiro momento eu não consegui aprender bem eu esqueci na próxima vez que eu ia fazer sozinho não conseguia depois passou um tempo eu não fiz mais Fiquei sem trabalhar com broto até que um dia eu gostava de brincar na casa do meu tio com os meus primos e aí teve um dia que eu estava na casa do meu tio e aí eu vi que ele quebrou um boto um broto de indaiá e chamou os filhos dele para ensinar a ensinar fazer os traçados e eu estava perto e comecei a ficar olhando para eles fazerem aí eu parei de brincar e fui e sentei perto dele e acho que nesse momento eu tive mais facilidade de aprender porque eu estava só olhando e ele estava ensinando meus primos aí depois disso eu fui para casa. Eu já fui direto no pé de Indaiá, quebrei um broto também pois eu tinha bem claro na minha cabeça o que eu vi o meu tio ensinar e aí eu fui fazendo também e o meu pai não estava em casa quando foi um pouco depois ele chegou e viu eu trançando o broto de indaiá, aí ele chegou e ficou admirado porque eu estava fazendo sozinho trançado e estava dando certo só precisava fazer alguns ajustes aí ele veio para me ajudar e aí foi a gente conseguiu fazer ele me ajudou a trançar me ajudou a arrumar o que estava precisando arrumar e aí nós fizemos esse trançado e conseguimos fazer um baquité foi a partir daí que eu comecei a fazer os traçados nas outras vezes eu comecei a ter mais curiosidade e pegar no mato e fazer o trançado teve uma vez que meu vô me ajudou também depois disso eu comecei a praticar sempre sozinho mesmo quebrava o broto no pé de Indaiá e trazia para casa para fazer os trançados os primeiros trançados que eu fazia eles não saiam perfeito pois eu estava aprendendo ainda. E ainda não tinha domínio total da trança de quantas folhas podiam utilizar mas com o tempo eu fui aprendendo e minha mãe também me ajudava bastante e aí hoje eu consigo fazer todos os traçados, mas eu aprendi quando eu tinha o tamanho de vocês.

02) Como e com quem você aprendeu a fazer os trançados? Quantos anos você tinha quando aprendeu fazer o trançado?

Entrevistada 1 -Feliciana Dilma (2025) Mais ou menos estava com 5 ou 6 anos eu sentava perto do meu pai meu pai, ele não ensinava, ele só falava, você vai aprender olhando, não vou pegar sua mão para ensinar, eu aprendi olhando. Ele fazia os baquité e eu sentava aí perto aí ele já ensinava fazia o baquité mais ou menos desse tamanho e ele já trançava se for fala de embiruçu ele tirava a embira né ele mandava eu trançar para poder pendurar, eu sei eu lembro até hoje em dia e eu não esqueço, ele mandava eu trançar. Crianças, seguem igual como eu desde pequena eu aprendi também vocês têm que aprender vocês são criança ainda né na verdade eu estava de 6 anos eu aprendi fazer isso espero que vocês também aprendam também fazer depois vamos fazer um trabalho com vocês ensinar vocês tá. Os pés de acuri só dá na beira do corgo, mas na mata também tem o indaiá é só no cerrado. Agora que tá difícil a gente encontrar uma acuri, bom o acuri até a gente encontra, mas indaiá é mais difícil, tem onde encontra o indaiá aqui perto, mas bem pouquinho aqui perto. Agora tá difícil por que o fazendeiro derrubou tudo até onde é nossos território ele ficou com ele acabou com ele agora nós estamos sem ele né é difícil né para agente trabalhar tem que ir longe procurar não aqui também tenho medo tem que entrar para lá né procurar porque agora desses dias que estavam tirando mamadeira aqui ali ja fiquei meio assim, nem minhas lenhas não fui buscar, então hoje em dia está difícil mesmo para nós, tem indaiá mas bem pouquinho, até os brotos não estão bonitos como antes, os bichinhos comem ele, a planta tem em algumas partes, a terra foi gradeado duas vezes uma vez os brotos o gado comeu, tem partes que ele não dá bonito os brotos são pequenos, e o gado come os brotos, os indaiás é mais prejudicado.

Entrevistado 2 - Elena Laura Chué (2025) Cercava também de palha a parede da casa trançava e cercava, trançava igual esse bem trançadinho bem ajeitadinho, ficava bem seguro e era a parede igual esse ali. Antigamente não tinha pessoas que iam trabalhar fora eles trabalhavam para eles mesmos, trabalhavam para eles mesmos viverem tinham roça grande ali tinha arroz, milho, mandioca, banana batata, cará, araruta, tinha uma planta que chama ori, tudo isso perdeu, vocês nem conhecem, faziam chicha do ori. Saco de plástico grande, de primeiro nós era só baquité. As panelas eram de Barro ia apanhar barro, fazia panelinha deste tamanhinho até Grande. E desta grossura. Fazia roça grande A casa era como aqui a roça era como lá na plaquinha, aqui tinha galinha Criava porco criava galinha Tinha chiqueiro então não sofria quando não queria comer carne de porco iam caçar, Mas porco tava ali quando não ia pescar quando não queria a galinha o porco e a caçar ou pescar criava muita galinha, Criavam muita galinha, milho tinha muito na roça, Quando

colhiam faziam casa um quarto, papai mesmo fazia uma casinha um quarto estivava no chão barreiava fazia de barro igual esse dela, e ali ele guardava Ali ele guardava milho guardava arroz e tudo era assim ali chamava de paió era ali ele guardava ferramentas enxada foi-se tudo ali ele guardava a mercadoria tudo era com casca socava no pilão banava no apá, faziam apá grande.

(Entrevistado 03 Edmundo Nicolau (2025) Eu não recordo exatamente né o momento em que eu tive contato pela primeira vez, mas eu acho que eu ainda não estava na escola ou eu estava nos anos iniciais da escola entre 6 e 7 anos de idade. Quanto anos você tem Andrei sete então era mais ou menos nessa idade eu me lembro que eu estava na casa do tio Arsênio brincando aí o tio Arsênio chegou para ensinar eles e aí eu fiquei olhando, tanto com o broto de indaiá como de acuri e babaçu para fazer os artesanatos pode fazer todos os trançados com eles o que eu sei é que tem a trança de dois, eu não recordo exatamente como é o nome mas eu sei que cada trança tem o seu nome, eu me lembro mais o apá e a peneira que tem asa de gavião a estrela esse do baquité eu não me lembro o nome mas cada um tem o seu nome mas eu sei fazer a trança normal que é trança de duas palhas, a trança de pé esse sei fazer, tem trança de uma folha, todos esses eu sei fazer além dos trançados que eu faço de broto sei fazer abanador tanto o em pé e o deitadinho, ninho de beija flor, sei a sanfoninha, charutinho, o baquitezinho de uma folha que só enrola no dedo e fecha o acento dele, acho que esse baquitezinho eu aprendi com mamãe e papai, a sanfoninha acho que foi com alguns dos meus irmãos papai também me ensinou, depois eu aprendi fazer a rosinha e o passarinho o beija flor, foi a partir de uma amostra que o padre Aloir trouxe, até então eu nunca tinha tido contato aqui mesmo então eu não sei se o meu pai fazia ou se meu avô fazia aí a gente pegou para fazer E aprendemos hoje nós fazemos também aí tem aquele trançadinho que eu não me lembro o nome que faz todo o trançadinho no talinho da Folha e puxa, e tem a cobrinha foi a cobrinha foi meu pai que me ensinou.

03) Quais são os tipos de artesanatos trançados que você sabe fazer? Em que ocasião você usava os artefatos trançados? Além dos trançados, quais são as outras utilidades dos coqueiros (é comestível, usa como remédio)?

Entrevistado 01 Feliciana Dilma (2025) Sei fazer sanfoninha, sei fazer o baniquinho sei fazer, aquele charuto sei fazer o baquite, sei fazer o panaku, a esteira grande de todo tamanho grande e pequeno sei fazer tudo, com indaiá e acuri. Antigamente a gente

abanava o fogo com o banico e também a gente precisava o banico para gente abanar quando tava fazendo muito quente né a gente fazia o banico para abanar tanto fazia de indaiá tanto de acuri deixava de fazer o banico continuava fazendo baquitezinho fazia grande e pequeno, de fizesse de acuri era bem trançadinho e bem com cuidados, por que ele ficava ralo, já o indaiá mesmo que não fosse ser apertado ele ficava firme, o baquite prestava para bastante coisa de primeiro não usava sacola não usava saco nem mochila era só baquite, ia caçar, pescar era só baquite colocava muitas coisas no baquite milho, banana, mandioca, cará, abacaxi, batata, tudo carregava, o baquité era o mais usado, ia caçar também carregava o bichos no baquite, E tem também o panaku, minha mãe falava na língua materna é panaku. A gente pega o broto quase da ponta da folha, maceta ele só o talo e trança de dois fica tipo um balaio, mas não é balaio, tipo uma mala, ai fecha coloca tudo as coisas dentro podem ser desse tamanho as pessoas antigamente carregavam dentro desse era grande quando iam caçar carregavam tudo dentro desse, se não trançava o baquité, se achassem alguma coisa banana, mandioca colocavam dentro para levar para casa, da folha do acuri. Do fruto do indaiá a gente aproveita é ele né que antigamente nós tiramos aquele que da em cima aquele que tá bem maduro de cima tinha passava ou ferventar tinha uma carninha tirava a gente comia ele, ai o coquinho esse que a gente tirava para comer, do acuri, do indaiá é difícil falar que tirava o palmito, do acuri aproveitava a carne do acuri, o coquinho, as folhas, os brotos, a fruta como quando está bem maduro é saboroso alguns comem ele ferventado, ou sem ferventar, o fruto é saboroso mas as folhas são mais fracos, e o indaiá aproveita mais o coco e as folhas e brotos são mais fortes.

(Entrevistado 2 - Elena Laura Chué (2025). O coco do acuri é a mesma coisa ele madura chega o tempo dele maduro, catava trazia ferventava. Do acuri ferventava o fruto dele para comer a carne dele, comiam com mel, do indaiá não come a carne só a castanha, já do acuri tanto come a castanha. a carne dele tem uns que é bem grossinho. A gente ferventava ele depois vai tirando a carninha de cima para comer primeiro as pessoas o tiravam cozido para comer com mel ou tirava lá na mata tirava bastante e trazia para casa secava no sol para secar depois que secava, socava no pilão para fazer o fubá para fazer bolinho igual se faz de milho, mas era assado que fazia, era muito difícil fazer bolo frito agora a gente faz mais bolinho frito. Colocava o sal, a gordura fazia os bolinhos e já colocava para assar no forno bolinho redondinho antigamente não tinha trigo não se conhecia o trigo. Conheci o bolo de arroz, de milho bolo, de polvilho e bolo da carne da

castanha do acuri, a mesma coisa a castanha comia quebravam para comer assim mesmo ou comiam com farinha. Você já quebraram né já comeram a castanha se não lembra o gosto tem que quebrar para comer de novo a Castanha a castanha é de dentro do coco agora não fazem mais mas antigamente quebravam o coco tiravam a Castanha socavam no pilão para comer com farinha antigamente aproveitavam de tudo que era jeito com farinha pode ficar ressecado quando vai ao banheiro se comer demais por isso não se comia muito, Quando quebravam bastante chocavam no pilão e colocavam na panela com água fervendo para retirar o óleo dele quando ferve o óleo sobe em cima e é retirado com concha o óleo colocava em outra panela pequena para retirar o óleo A concha era a colher das pessoas antigamente tinham de tudo que era tamanho Você já viram a concha lá no córrego tinha de tudo que era tamanho ali no córrego tinha bastante esse dali eu fazia a vela com ele a casca é bem dura tinha Grande aqui nesse corgo não tinha lá no córrego na metade da distância que vai para Porto Esperidião no córrego onde chama de concha lá tem não foi de lá que eu peguei mas lá ainda tem concha eu peguei lá no São Fabiano esta concha.

Entrevistado 3- Edmundo Nicolau (2025) O que eu tive mais contato é o pé de indaiá e acuri, porque tem também o pé de babaçu. Do indaiá tem a palha que é o fruto mais evoluído ele é utilizado para fazer os trançados das moradias tradicionais o coco dele serve de alimento, a castanha serve para ser consumido e sei também que eram utilizados para fazer paçoca socado com farinha a parte mais dura do Coco serve para fazer artesanatos isso do Indaiá, aí tem o acuri que também tem as mesmas utilidades as folhas também servem para cobrir como telhado das casas porém a durabilidade é menor aí tem a fruta, tem a castanha a castanha é mais difícil para ser extraído tem a polpa do acuri que é muito gostoso. Os animais também gostam de comer e, tem o palmito também é retirado verde e utilizado como alimento e tem o Babaçu que a palha serve para ser colocado no telhado das casas e a castanha também que é retirado é comestível e serve para extrair o óleo.

04) Em qual tempo adequado se pode fazer a coleta dessas matérias-primas para confeccionar os artesanatos? Em que local é possível encontrar esses pés de coqueiros?

Entrevistado 1- Feliciana Dilma (2025) A época certo de tranças é na lua crescente para poder durar, tem que ser na lua cheia e crescente, na lua nova e minguante não, pois não

dura, quebra ou embicha. Sei que a folha de indaiá presta para trançado da casa, pode cortar bastante e trança, o broto faz mais outras coisas, o acuri faz o trançado da casa também é só a folha, o broto também né mais trabalhado, o trançado de folha de acuri não dura nem um ano, o trançado de indaiá dura até 20 anos, até baquite, banico dura mais de acuri não dura muito.

Entrevistado 2 - Elena Laura Chué (2025) Hoje o pau não apodrece logo, a folha não apodrece, mas se tirar quando a lua estiver amanhecendo assim nessa altura, logo ele apodrece não dura logo apodrece os artesanato que é feito dessas palhas, por isso que ele é importante para nós, pois a gente precisa dele de tudo a gente antigamente não tinha saco, não tinha sacola, eram os baquite que eram os sacos faziam para apanhar mandioca da roça, milho da roça, arroz da roço porque o arroz era tudo plantado quando já morava cortava tudo de cachinho vocês, quem conhece? pois é da em cachinho quando dá bem ele dá cacho grande corta os cachinhos e vai amontoando na mão. O acuri é a mesma coisa, tanto precisa da folha para fazer esse aqui e para tirar a folha do Indaiá e do acuri Tem que ser na lua quando faz nova depois de 4 dias que já tá escurecendo nessa altura ele já está crescendo daí para lá pode tirar madeira folha remédio plantar alguma coisa até quando ele já estiver amanhecendo aqui a lua ele já está indo para nova daí não é mais bom para tirar nem para cortar madeira ele apodrece loguinho e assim é com a palha, A mesma coisa com o acuri, do broto faz baquité, abanador, faz esteira grande, faz baquité de todo o tamanho pequeno, grande e grandão. É só do broto que faz o baquité a esteira o abanador, baquitezinho para carregar pedra.

Entrevistado 3- Edmundo Nicolau (2025) Na época que eu via mamãe fazer geralmente era para carregar alguma coisa da roça mandioca, milho com casca traziam no baquité traziam pra casa. O abanador que eu utilizei bastante na época que nós temos fogão a lenha então a forma de utilizar o abanador era para abanar o fogo embaixo da panela fogão a lenha. E a esteira era utilizado para colocar na cama embaixo do colchão e também para colocar alguma coisa em cima no chão mesmo e também para sentar no chão era uma das formas de utilização da esteira. Com o passar do tempo eu vi sendo utilizado em cima das mesas para colocar as panelas para não pegar o carvão na mesa e o que a minha mãe relatava também era que para quem praticava a cerâmica eles utilizavam os barro e eram carregado nas baquité pois era um utensílio usado no dia a dia, esses eu não cheguei presenciar mas eu sei porque mamãe falava e sempre que ela fazia um baquité

ela já explicava antigamente nós fazíamos isso para carregar Coisas da Roça outros tipos de alimento para trazer da roça.

O diálogo com a anciã Feliciana Dilma em sua casa foi muito produtivo, pois ela respondeu às perguntas de maneira tranquila e calma, falando de sua experiência com o trançado do acuri, que aprendeu ainda criança com seus pais, e comentou como eram utilizados os objetos trançados, por ela e sua família; cada resposta contribuiu para melhor compreensão dos estudantes que a ouviam atentamente, um momento de escuta, simples, mas cheio de significados.

A anciã Elena começou mostrando aos estudantes o pé de indaiá, perguntando se eles já o conheciam. Continuou explicando como eram usadas as folhas do indaiá, além do broto, explicando que as mesmas são muito utilizadas para a cobertura das casas. Disse que, atualmente, são poucas as casas que possuem esse tipo de cobertura, pois a maioria, na aldeia, é feita de alvenaria. Completou que essa necessidade de criar casas de alvenaria justifica-se pela dificuldade de encontrar palha boa para construção, pouco ou nada restando, pois tudo foi destruído pelos fazendeiros. Sua participação como anciã da comunidade é importante, pois ela é artesã, confeccionando muitos artesanatos e dominando muitas técnicas de trançados.

O diálogo com o professor Edmundo também foi muito produtivo, pois ele explicou como foi seu processo de aprendizagem do trançado, aprendendo com seus pais, observando e tentando a técnica sozinho. Aos poucos, segundo ele, foi dominando a técnica e adquirindo a perfeição dos trabalhos. Sua participação como educador possibilitou o entrosamento dos estudantes, é também um protagonista no ensino da técnica dos trançados na escola. Ele é um dos autores do artigo sobre o estudo do indaiá e do trançado.

A aula de campo que levou os estudantes a reconhecerem, no ambiente natural das palmeiras, foi importante para que, posteriormente, realizassem em forma de desenhos as palmeiras e suas partes: pés, flores, cachos, coco, etc.

A realização da oficina foi fundamental para que estudantes e professores pudessem participar ativamente na confecção do trançado com os brotos de indaiá e acuri. Os resultados foram muito satisfatórios para esta pesquisadora e também para os

estudantes, fazendo com que o trançado no cotidiano escolar se tornasse parte do fortalecimento da cultura.

Esta prática, a da oficina, fomentou a aprendizagem dos estudantes no que concerne às técnicas do trançado, antes dominadas pelos avós e pessoas mais velhas, mas que ao longo do tempo foram se perdendo. O que se ensinava desde criança, agora se perdeu. Contudo, faz-se necessário que se recupere tais conhecimentos, pois, infelizmente, a utilidade do trançado perdeu espaço para as sacolas plásticas, ou seja, se antes utilizava-se um baquité, hoje se usa uma sacola. Importante fazer uma reflexão sobre essas situações.

As contribuições que a prática dos trançados traz ao ambiente escolar são muitas. Contribuem para a coordenação motora dos estudantes nos anos iniciais, aprendizado transdisciplinar**,** como a Matemática, através das formas, medidas, número de folhas usadas para cada objeto; para as Ciências Biológicas (plantas), pela compreensão do ciclo natural da palmeira, habitat natural, suas utilidades para animais, aves, insetos, roedores; história do uso dos trançados dos antepassados e atuais, parte importante da cultura.

Importante destacar que não se deu enfoque de maneira individual a cada disciplina, trabalhou-se oralmente, explicando aos estudantes, demostrada na prática a divisão das folhas, o comprimento, assim como as demais reflexões acima citadas. Tudo trabalhado concomitantemente.

Contribui também para o fortalecimento da identidade cultural, valorização da cultura Chiquitano, autoestima dos estudantes ao aprenderem a técnica, em particular os estudantes dos anos iniciais, e na relação escola e comunidade.

Os desafios encontrados nesta pesquisa se deram pelo fato de encontrar dificuldades no momento da aula de campo com os estudantes, na busca pelos brotos e pés das palmeiras, pois devido à escassez e desequilíbrio ambiental, praticado por fazendeiros que colocam gado, principalmente, nas proximidades da aldeia, acabam por destruir os pés de indaiá. Além disso, a delimitação do espaço da aldeia para retirada do broto de acuri também se mostrou um empecilho, pois essa palmeira estava com seus brotos muito altos, dificultando acesso para as crianças. A aldeia sofre com a escassez de matérias-primas para a confecção de artesanatos no geral, uma situação lamentável.

Após este estudo, senti a necessidade de mobilizar a escola, os estudantes, os professores e a comunidade para plantar mudas e realizar o replantio das palmeiras, mesmo no pequeno espaço que temos, principalmente a palmeira indaiá, que se adapta melhor em área de cerrado; posteriormente, realizar da mesma forma com o acuri, tendo em vista que a maior parte está fora do território.

Apesar das dificuldades encontradas para manutenção das práticas culturais, a escola busca de maneira ativa e criativa manter o saber tradicional como prática pedagógica intercultural nesse ambiente. Procura manter a integração entre conhecimento tradicional ancestral e escolar, pois não se pode perder aquilo que é próprio da cultura, deve-se manter no caminho para essa continuidade, mesmo que seja desafiador.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à etapa final deste trabalho posso dizer que um tempo de muitos desafios, mas também de muito aprendizado, empenho e dedicação desde o início do trabalho me propus ao longo do trabalho responder o seguinte questionamento “como o trançado tradicional Chiquitano com broto de indaiá e acuri pode contribuir para o processo educacional na Escola Estadual Indígena José Turibio?”. À medida que o trabalho foi sendo desenvolvido, o questionamento foi sendo respondido, o qual evidenciou a abertura da escola para esta pesquisa tão importante para a comunidade Chiquitano, no que concerne aos trançados, assim como a participação ativa dos estudantes nas atividades, seja na oficina, ou mesmo na participação das entrevistas aula de campo etc.

Acredito que o objetivo geral “desenvolver as práticas do trançado, como atividades pedagógicas a partir de uma pedagogia Chiquitano, para retomar os saberes do trançado na escola Chiquitano na Aldeia Vila Nova Barbecho”, foi alcançado, por meio das práticas do trançado no dia a dia da escola, com ecos que vão reverberar na cultura do meu povo, de alguma forma.

Quanto aos objetivos específicos: 1) destacar a importância cultural, histórica e educativa dos trançados Chiquitano para as novas gerações, desenvolvendo estratégias pedagógicas que contribuam para o ensino e a aprendizagem dos trançados tradicionais no contexto escolar Chiquitano. Sendo assim, foi possível identificar a cultura, a sua relação com o trançado e a inserção no ambiente escolar, com a participação de anciãs e professores que dominam a técnica do trançado; 2) demostrar na prática o ensinamento e o aprendizado dos estudantes no trançado, foi evidenciado no momento da oficina em que cada estudantes teve a oportunidade de confeccionar seus trançados, e registrados através de fotografias; 3) produzir um caderno cultural de atividades de apoio e um catálogo contendo os artesanatos produzidos com o broto das palmeiras indaiá e acuri, é parte integrante desta pesquisa, como material pedagógico, atendendo aos requisitos do Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII – UNEMAT.

O material pedagógico e o catalogo serão inseridos ao final deste trabalho poderá ser utilizado como fonte de pesquisa na escola e para os próximos pesquisadores que virão realizar novos estudos referentes ao tema.

Entendo que trabalhos como este possam ser feitos futuramente, para que, assim, possamos fortalecer cada vez mais a nossa luta por nossos direitos fundamentais e constitucionais, que novos pesquisadores venham contribuir com reflexões voltadas à educação escolar indígena.

Acredito, por fim, que está pesquisa é muito importante para nós Chiquitanos, que entendemos o quão necessário é retomar aquilo que foi se perdendo ao longo dos anos, e a escola possui o papel fundamental neste processo de fortalecimento da nossa cultura. Juntamente com a escola, pretendo contribuir para que a luta por políticas educacionais aconteça. Continuarei contribuindo na educação através dessas práticas pedagógicas e culturais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.** Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em > https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/522095. Acesso em: 19 jan. 2026.

BRASIL. RCNEI. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/F3L00004.pdf. Acesso 16/02/2026.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educação**. Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v10n29/v10n29a09.pdf. Acesso em: 16 fev. 2026.

CHUÊ, Suzilene Urupe. NEGREIROS, Cláudia Landin. **Realidade sociolinguística do povo Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho**. Revista Taka'a, Barra do Bugres (MT), v. 2, *e* 2024005, ISSN: 2965-6796, 2024. Disponível em> https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/13219. Acesso 16/07/26.

CHUÊ, Saturnina Urupe. **A Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio na Aldeia Vila Nova Barbecho:** Lutas, conquistas e Desafios de uma Educação Escolar Indígena Específica e Diferenciada / Saturnina Urupe Chue – Barra do Bugres, 2022. Dissertação de Mestrado. Disponível em: https://sigaa.unemat.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=678&noticia=26307010. Acesso em: 16 fev. 2026.

CHUÊ, Suzilene Urupe. **Conquistas e desafios na educação escolar da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio na aldeia Vila Nova Barbecho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Campus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

CHUÊ, Soilo Urupe. **Conflitos e Resistências do Povo Chiquitano da Terra e Aldeia Vila Nova Barbecho**, 2023. Disponível em: https://ri.ufmt.br/handle/1/6460. Acesso em: 27 jan. 2025.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara; CRUZ, Mônica Cidele da. METODOLOGIA DE PESQUISA EDUCACIONAL II. **Pedagogia Intercultural.** UNEMAT. Cáceres: Layout Gráfica, 2021.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara; CRUZ, Mônica Cidele da. METODOLOGIA DE PESQUISA EDUCACIONAL. **Pedagogia Intercultural.** UNEMAT - Cuiabá: VT Print Gráfica, 2020.

FREIRE, Paulo. **Não sou contra as cartilhas de alfabetização**. Nova Escola 1, (3) abril de 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora: EGA, Ano de publicação, 1996, digitalização ano de 2002.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática Pedagógica e Docência: Um olhar a partir da Epistemologia do Conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagog. (on-line),** Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVsPzTq/?lang=pt. Acesso em: 20 fev. 2026.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Povos indígenas no Brasil. A educação escolar indígena no Brasil. In: **Povos Indígenas no Brasil 1996–2000 -** ISA São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000. 10 de janeiro de 2024. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/A_educa%C3%A7%C3%A3o_escolar_ind%C3%ADgena_no_Brasil. Acesso em: 20 fev. 2026.

MATO GROSSO. **Projeto Político Pedagógico – PPP**. Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, Aldeia Vila Nova Barbecho. 2024.

MATO GROSSO. **Escrita coletiva PPGECII**. Os apressamentos, das apressadas leituras...que em compromisso...depois serão relidas e apreciadas num tempo outro... "pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa". Barra do Bugres, 23 de janeiro de 2025.

MUQUISSAI, Edmundo Nicolau Chuê; PINTO, Luiz Ribeiro. A importância do indaiá para o povo Chiquitano. In: **Anais da Olimpíadas nacional de povos tradicionais, quilombolas e indígenas**. Cuiabá (MT) UFMT, 2022. Disponível em > https://static.even3.com/anais/587835.pdf?v=639059858486624324. Acesso em: 06 fev. 2026.

NASCIMENTO, G. C. C. Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. In: CANANÉA, F. A. **Sentidos de leitura: sociedade e educação**. João Pessoa: Imprell, 2013, p. 57-68.

RIBEIRO, Berta G. **A Arte do trançado dos índios do Brasil: um estudo taxonômico** / Berta G. Ribeiro; (apresentações de Lélia Gontijo Soares e José Seixas Lourenço). - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Aio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.

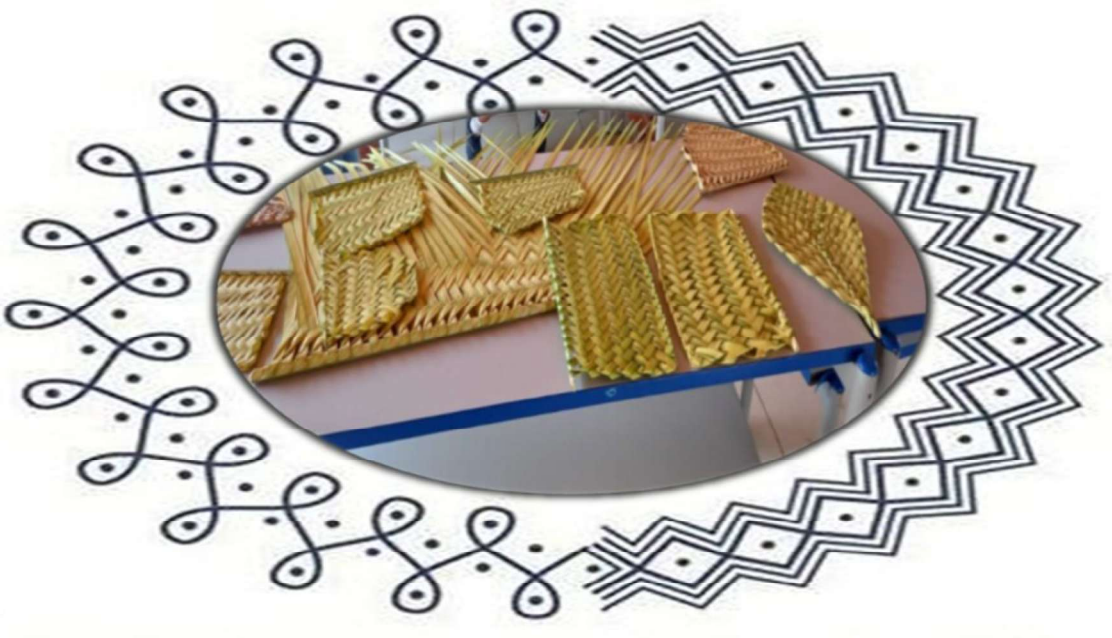
SOUZA, Átila de. SILVA, Francenilce Lopes da. LIMA, Jhones de Souza *et. al*. Educação e saberes tradicionais no norte do brasil: desafios e perspectivas. **Lumen Et Virtus**, São José dos Pinhais, v. XVI, n. XLVI, p. 2922-2931, 2025. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/4158/5487. Acesso em: 20 fev. 2026.

URUPE, Adelaide Aparecida Chue. **A Arte do trançado do artesanato Chiquitano**. Barra do Bugres: Unemat, 2016.

PRODUTO FINAL DE TRABALHO DE MESTRADO

Caderno cultural de atividades de apoio

TRANÇADO CHIQUITANO DE BROTO DE INDAIÁ E ACURI NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDISAGEM



MESTRANDA: SUZILENE URUPE CHUÊ
ORIENTADORA: PROFª DRª. CLÁUDIA LANDIN NEGREIROS

ALDEIA VILA NOVA BARBECHO - MT

2026

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TEC. E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL -PPGECII



MESTRANDA: SUZILENE URUPE CHUÊ

TRANÇADO CHIQUITANO DE BROTO DE INDAIÁ E ACURI NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDISAGEM

Produto de ensino apresentado ao Programa de Mestrado - Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII - Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Câmpus de Barra do Bugres como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestra em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. Orientadora: Prof.ª Drª. Cláudia Landin Negreiros.

ALDEIA VILA NOVA BARBECHO - MT

2026

APRESENTAÇÃO

Caros Colegas,

O presente material refere-se ao Produto Educacional referente a minha Dissertação de Mestrado Profissional, do curso de pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECII, da Universidade do Estado de Mato Grosso. É um material de apoio pedagógico que pode ser aplicado a turmas do 1° a 5° ano do ensino fundamental, podendo ser adaptado a outras turmas, dependendo da necessidade de nossas escolas indígenas. Este material tem como como tema o t**rançado Chiquitano de broto de indaiá e acuri no processo de ensino e aprendizagem.** É uma proposta transdisciplinar para o nosso povo Chiquitano, e tem por objetivo auxiliar professores e professoras do Ensino fundamental, no planejamento de suas práticas pedagógicas, possibilitando a discussão do tema de forma integrada e dialogada com a realidade do nosso povo, assim como, dialogar com as disciplinas curriculares em nossa Escola Chiquitano José Turibio.

ATIVIDADES PROPOSTAS

SABER ANCESTRAL CHIQUITANO

A proposta abaixo organiza atividades transdisciplinares, que podem ser incluídos no componente curricular, adaptados para estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, respeitando-se o processo de aprendizagem de cada estudante. Por meio destas atividades, busco contribuir para que os estudantes saiam do 5° ano dominando a técnica do trançado com o broto do indaiá e acuri. Este material tem por objetivo valorizar saber ancestral Chiquitano, conectando-o aos assuntos escolares de forma prática, cultural e significativa.

1. O primeiro passo é reconhecer a complexidade de cada palmeira usada no dia a dia na confecção de trançados que são usados em nossas casas. Nas imagens a seguir podemos notar diferenças em seu estado, é momento de refletir e registrar em seu caderno, o que pode ter acontecido com estas palmeiras.



Palmeira 01



Palmeiras 02

Ajude seus estudantes refletirem sobre as imagens e compartilhem o que for observado.

2. Neste ponto, venho propor aos educadores, ao planejarem suas aulas referentes às práticas dos trançados, iniciarem com as seguintes sugestões:

- Antes das atividades, é essencial começar com vivência com o contato com o trançado e realizar:
- Roda de conversa com um artesão/ancião da comunidade

- Observação de objetos trançados (Esteiras, baquités, sanfoninhas, relógio, cobrinha, flores, jacas, panacus, etc.)
- **Perguntas norteadoras:**
- Para que serve o trançado?
- Quem ensina essa prática?
- Quais plantas são usadas?
- Qual o significado cultural?

Após esta primeira parte, pode-se propor atividade prática (todos os anos): realizar simulação do trançado com as folhas do indaiá e acuri, ou adaptar material para o momento, podendo ser usado outros matérias para esta simulação, podendo ser usado.

3. Qual a importância dos artesões na vida da comunidade escolar, suas contribuições para o fortalecimento cultural. Na imagem a seguir vemos três artesão ensinado a pratica do trançado. Como você. Descreveria esta atividade e qual a sua contribuição no seu aprendizado?



PORTUGUÊS

1. Atividade para turma do 1º e 2º ano. Desenhar o trançado e escrever palavras relacionadas:



2. Complete as frases usando as palavras a seguir:

(Broto, artesanato, trançado, cultura)

a) O..... faz parte da cultura do povo Chiquitano.
b) A esteira é um .....feito de folha de acuri e indaiá.
c) Os trançados são importantes para nossa .....
d) O .....é a folha nova do acuri e indaiá usado para vários tipos de artefatos.

3. Atividades para as turmas do 3º ao 5º ano. Produção de texto:

a) Faça um pequeno texto descrevendo como você aprendeu a técnica do trançado, e qual artesanato você já sabe fazer com folha de indaiá.
.....
.....
.....
.....

b) Em casa faça uma entrevista com um artesão, questione sobre para que é usado o banico. E escreva de forma resumida a entrevista.
.....
.....
.....

c) Liste os materiais usados na confecção da esteira, baquité:
.....
.....

MATEMÁTICA

1. Atividade para as turmas do 1º e 2º ano.

a) Quantas tiras são usadas no trançado de uma sanfoninha circule o número correto?

10 – 5 – 2 – 6 – 20 – 15 – 16 – 1

b) Quantas tiras são usadas no trançado de 2 sanfoninha circule o número correto?

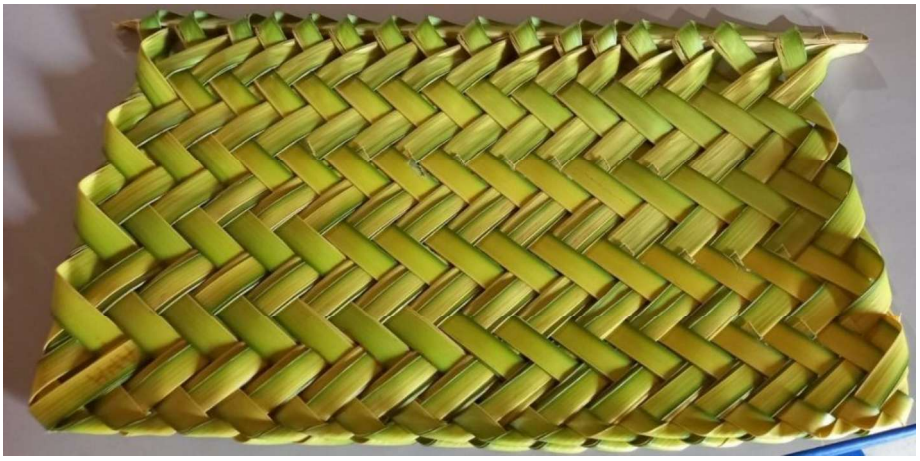
5 – 15– 6 – 20 – 4 – 16 – 1

c) Para confeccionar um pequeno banico são usadas 5 folhas no lado direito do talo e 5 do lado esquerdo de um pequeno pedaço de broto de indaiá, realize a soma das folhas e descubra quantas folhas no total foram usadas.

.....+..... =.....

2. Atividades para as turmas do 3º ao 5º ano.

a) Descreva a simetria do seguinte trançado, com ajuda do seu professor.



.....
.....
.....

b) descreva quantas folhas foram usadas na confecção do banico acima realize a conta.

Lado direto?.....

Lado esquerdo?.....

Total?.....

..... + ... = ...

c) Se um banico usa 10 folhas, 3 alunos realizarem 2banicos, quantas folhas serão usadas?"

d) Uma esteira usa 30 folhas. Quantas folhas são necessárias para 3 cestos?

GEOGRAFIA

1. Atividades para todas as turmas.

Desenhe sua aldeia e onde estão presentes as palmeiras indaiá e acuri, localização do espaço.

2. Descreva qual é o tipo do clima que melhor se adapta as palmeiras indaiá e acuri.

.....
.....
.....
.....

3. Descreva onde é o habitat natural das palmeiras indaiá e acuri.

.....
.....
.....
.....

CIÊNCIAS

1. Atividades com todos os anos.

Realizar aula de campo podendo fazer estudo das plantas: indaiá e acuri.

a) Descrever partes da planta, folhas, caule, raízes, flores, fruto etc.

b) representar a diferença de cada uma das palmeiras por meio de desenho.

c) Registrar a importância da natureza para a cultura indígena.

2. Trabalhar com alunos a questão da sustentabilidade:

a) Realizar roda de conversa sobre uso consciente dos recursos naturais

b) Trabalhar o ciclo de vida das plantas acuri e indaiá.

3. Realizar com os alunos a criação de muda de indaiá e acuri.

4. Realizar o plantio das mudas cada aluno escolhe o local que irá plantar a sua muda, e se responsabilizará nos cuidados dela até que enteja segura de que sua continuidade irá continuar independente do cuidado diário.

ARTES

1. Atividades para todos os anos.

a) Realizar vários tipos de trançados com os alunos.

b) Realizar oficinas de produção de trançados com materiais alternativos (papel, tecido, EVA, etc.)

c) Realizar pintura com padrões geométricos inspirados no trançado.

d) Realizar trançados decorativos.

e) permitir que cada aluno realize seu próprio trançado, com erros e acertos.

EDUCAÇÃO FÍSICA

1. Desenvolver atividades que desenvolvam coordenação motora fina:

2. Realizar trabalho em grupo (cooperação), caminhada até a mata para coleta dos brotos para confecção dos trançados, alunos maiores, cooperando com os alunos menores.7

HISTÓRIA

1. Convidar anciãos para realizar roda de conversa com os alunos sobre a história do povo Chiquitano.

2. Convidar artesãos para realizar roda de conversa com os alunos o trançado, suas utilidades, e importância para os Chiquitanos.

3. Motivar os alunos a realizarem registros da transmissão de saberes tradicionais transmitidos por meio da oralidade, destacar a importância dos anciãos no ambiente escolar.

ATIVIDADE INTEGRADORA FINAL

Feira cultural na escola

1. Após este trabalho é possível realizar exposição dos trançados convidar a comunidade para participar. Realizar:

- Apresentação dos estudantes
- Relatos do que aprenderam
- Participação da comunidade
- Realizar troca ou venda dos trançados confeccionados

SUGESTÃO DE AVALIAÇÃO PARA CADA ANO DE ENSINO	
1º ANO	Reconhece o trançado Participa das atividades Identifica palavras simples
2º ANO	Relaciona trançado com cultura Conta objetos Participa oralmente
3º ANO	Produz frases simples Identifica padrões Compreende a importância da natureza
4º ANO	Produz pequenos textos Resolve problemas matemáticos Relaciona cultura e território
5º ANO	Produz textos estruturados Analisa padrões matemáticos Valoriza o saber ancestral

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste material pedagógico, busco de coração, contribuir com meus colegas educadores, no planejamento e desenvolvimento na técnica do trançado ou outra prática cultural, que possa somar ao aprendizado de nossos estudantes, assim como, fortalecer nossas práticas culturais. As atividades são sugestões que podem ser adaptadas à realidade de cada turma ou necessidades de cada professor e professora.

CATÁLOGO DE TRANÇADO CHIQUITANO COM BROTO DE INDAIÁ E ACURI

SUZILENE URUPE CHUÊ



PPGECII/UNEMAT
2026

Apresentação

Este catálogo, intitulado: “Trançado Chiquitano com broto de indaiá e acuri” foi pensado como material educativo sobre essas duas importantes palmeiras brasileiras, destacando suas características, importância ecológica e uso. E, em especifico, neste catálogo, o uso do broto na confecção de artesanatos. Tem como objetivo valorizar e registrar os conhecimentos tradicionais do meu povo Chiquitano sobre o artesanato do trançado de diferentes formas, tamanhos e utilidades. Destaco que o catálogo foi produzido como parte do produto educacional da minha pesquisa de mestrado profissional, no curso de pós-graduação em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural” –PPGECII/UNEMAT. O uso dessas duas palmeiras faz parte de nossa história, além do trançado, desde sempre, foram utilizados nas construções de nossas casas, e seu frutos utilizados como alimento. O artesanato, por sua vez, sofreu decadência na sua confecção e em seu uso. Os banicos, por exemplo, que eram utilizados para abanar o fogo, com a chegada do fogão a gás, diminuiu o seu uso. As esteiras que eram usadas para secar sementes ou deitar na hora do descanso foi sendo substituída por plásticos. O baquité foi substituído por sacolas de diversos tipos, assim, sucessivamente. Por isso, senti a necessidade de realizar esta pesquisa como forma de retomar e fortalecer essa prática que, aos poucos, foi se perdendo por parte dos mais jovens. Por meio deste catálogo, busco fomentar em nossos estudantes, desde o 1° ao 5° ano, a prática do trançado, aprimorar o conhecimento com os ensinamentos de nossos anciãos e anciãs, fortalecendo nossa cultura, língua, nosso modo próprio de lidar com o acuri e indaiá. Espero que este catálogo contribua como material de apoio didático em nossa escola José Turibio, na aldeia Vila Nova Barbecho.

Maio de 2026.

A autora.

MOTAKÜRCH - ACRI (*Attalea phalerata*)

Descrição da planta: palmeira de porte médio a grande, com folhas longas e arqueadas. Possui tronco forte e resistente, adaptado ao clima seco.

Altura média entre 5 e 15 metros. Produz cachos com muitos frutos, de casca dura e resistente.



Flor de MOTAKÜRCH – Acuri



Pé de MOTAKÜRCH - Acuri



Cacho do coco de MOTAKÜRCH - Acuri



INDAIÁ *(Attalea dúbia).*

Descrição: palmeira elegante, com folhas longas e levemente arqueadas. É encontrada no Cerrado.

Características: altura média entre 6 e 12 metros. Produz cachos com frutos menores.



Broto de indaiá



Flor de indaiá



Fruto de indaiá

Os artefatos trançados são entendidos por nós como algo para ser aprendido, usado e preservado, passando de geração para geração reproduzindo e guardando a sua memória. Esses objetos têm uma época e lugar de produção, um povo que os faz e reproduz, logo têm um sentido histórico e humano. A nossa cultura material pode assim ser entendida como o conjunto de artefatos criados por nós, combinando matérias-primas e produções.

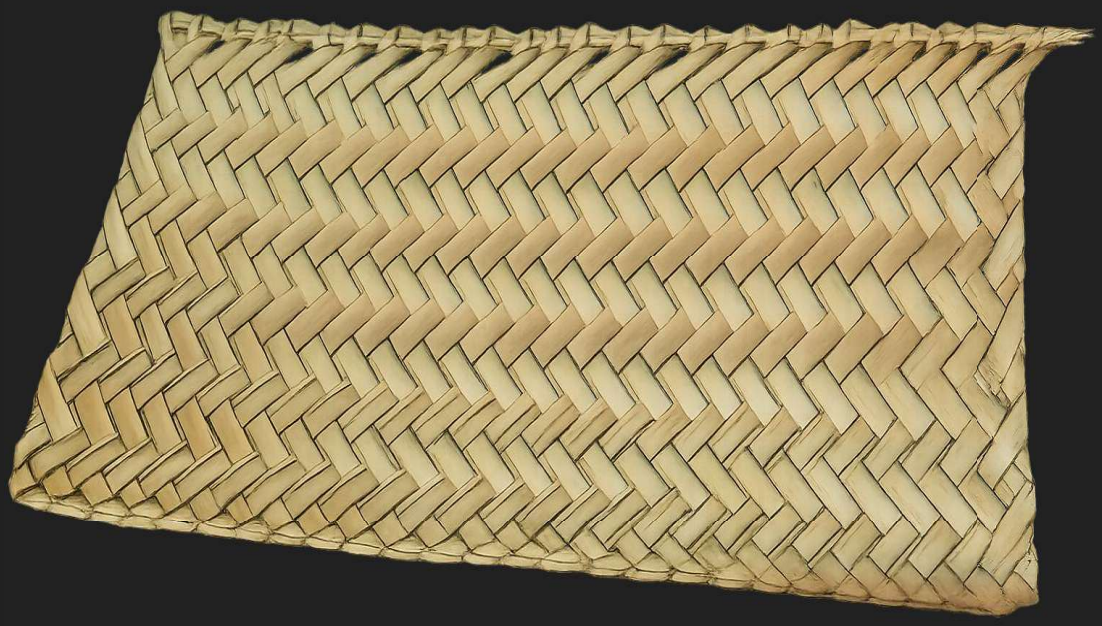
(Chuê, 2016, p.14)



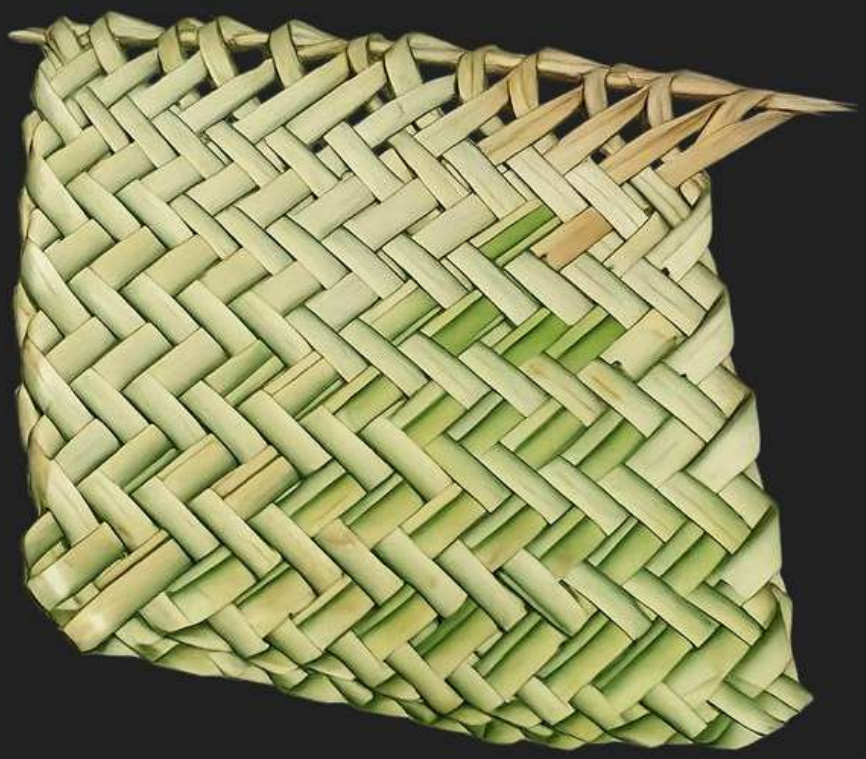
NATSAICH – Baquités
de broto de acuri



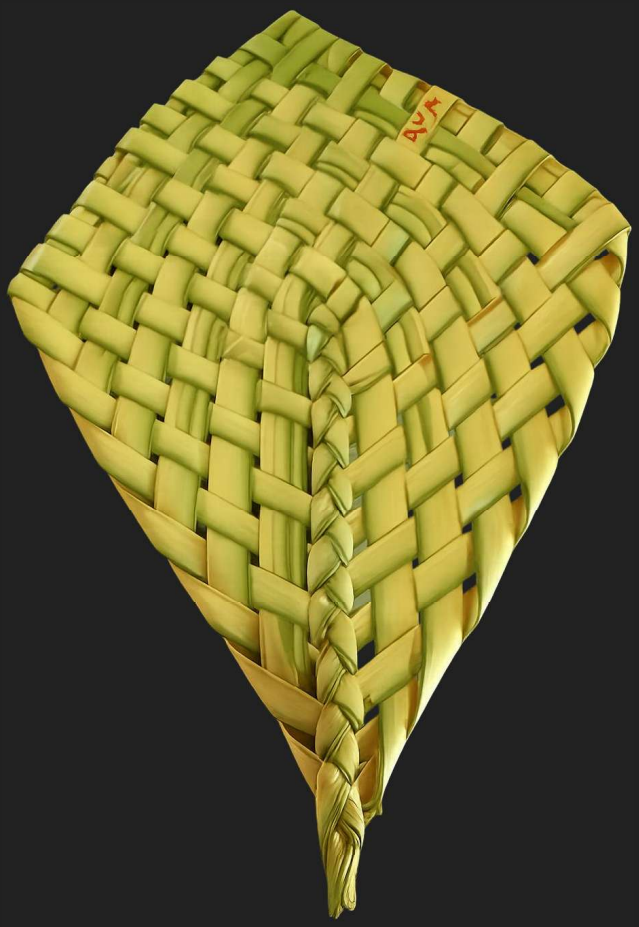
NATSAICH - Baquités
de indaia



VAKUVITIÓRCH - Abanador ou banico
de broto de indaiá



VAKUVITIÓRCH – Banico
de broto de acuri



VAKUVITIÓRCH - Banico
de broto de indaiá



VAKUVITIÓRCH - Banico
de broto de indaiá



Sanfoninha do broto de indaiá



NOTAUMA´A - Pássaro
folha do indaiá


PÜTCIORCH - Flor
do broto de Indaiá



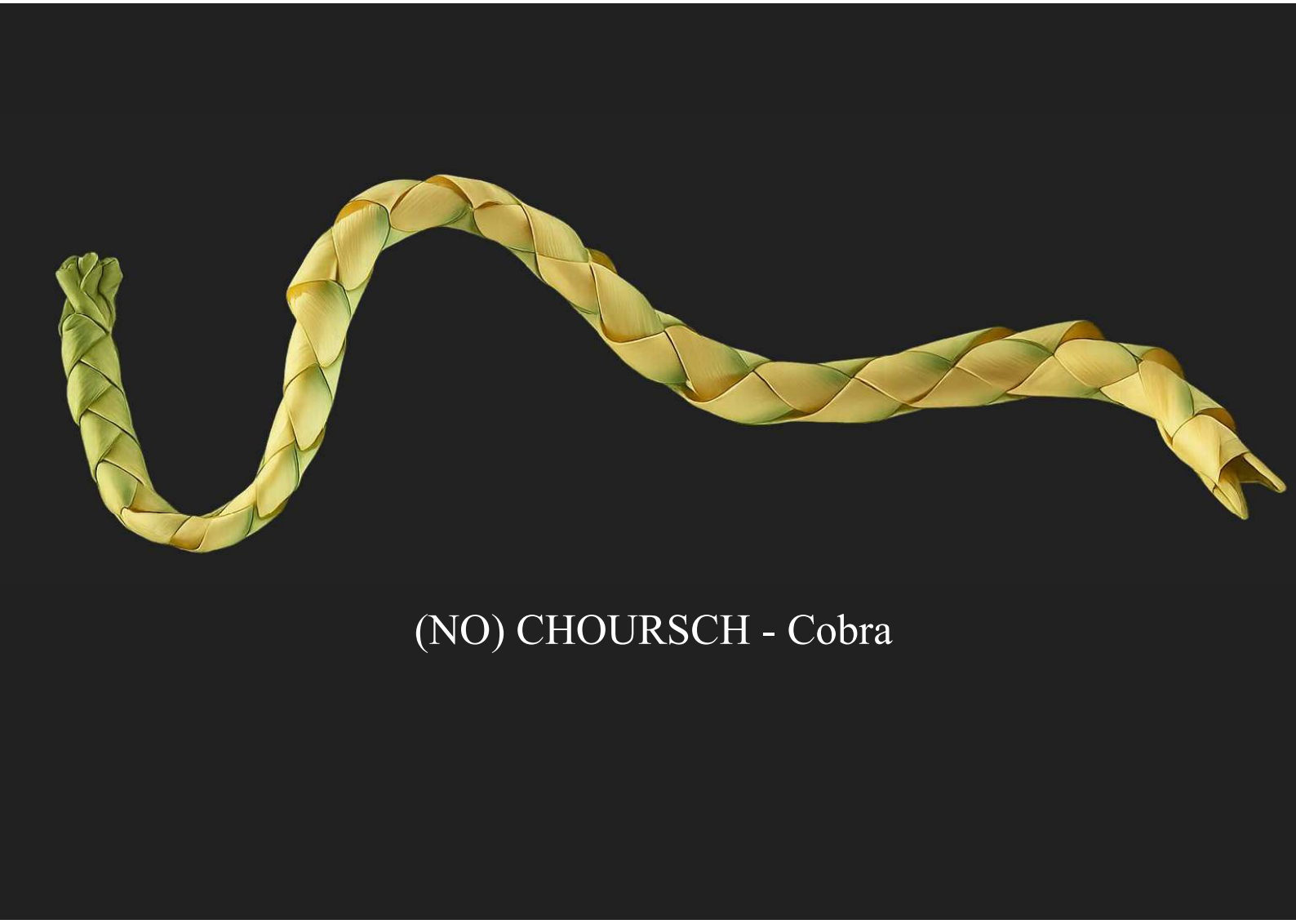
TAKURCHAPARCH - Chapéu



PORESÍS - Esteira
de broto de acuri



Ornamentação com flores e sanfoninhas



(NO) CHOURSCH - Cobra



Charuto



Mini - NATSAIS
Mini - Baquité



Relógios simples e com enfeite



PORESÍS - Esteiras
de broto de acuri



Oficina do trançado com a anciã Elena



Oficina do trançado com a anciã Feliciana Dilma



Oficina do trançado com professor Edmundo Nicolau



Oficina do trançado com a anciã Feliciana Dilma e professor Edmundo Nicolau

REFERÊNCIAS

URUPE, Adelaide Aparecida Chue. **A arte do trançado do artesanato Chiquitano**. Barra do Bugres : Unemat, 2016.

CONSULTORES NATIVOS – CONTRIBUIÇÃO ORAL
Elena Laura Chue
Edmundo Nicolau Muquissai Chue
Feliciana Dilma Pinto

https://www.colecionandofrutas.com.br/attaleagearen.htm. Acesso em: 04 fev. 2026.

https://www.wikiaves.com.br/wiki/flora:acuri. Acesso em: 04 fev. 2026.